

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC São Paulo

Luciana de Assis Fonseca Tonelli

Cartografias da aridez: um experimento de escrita clínica

Mestrado em Psicologia Clínica

São Paulo
2016



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC São Paulo

Luciana de Assis Fonseca Tonelli

Cartografias da aridez: um experimento de escrita clínica

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Suely Belinha Rolnik.

São Paulo
2016



Banca Examinadora



AO
POVO
QUE
VEM

.

À Tina Hatem, amiga que tão cedo
partiu, dedicaria esta dissertação,
se combinasse com a alegria dela

Ao meu ponto de partida,
às fontes escondidas
dentro de cada um

Agradeço à Capes e à Fundasp pelo apoio financeiro.

{ A G R A D E C I M E N T O S }

Néle Azevedo,
obrigada pela acolhida
sempre alegre e generosa
em São Paulo

Luciana Penna,
a Pauliceia contigo
fica mais respirável,
ganha ventos cariocas

José Cavalhero,
tu também é garantia
de mais horizontes neste
mundo de concreto

Marília Castro,
ter você por perto
muito me ajudou
na travessia desta
“grande água”

Karina Acosta, amizade
tecida no Núcleo, muito
grata pela preciosa
companhia, sigamos

Mirian Torres, amizade
da vida inteira, foi vital
te ter por perto, mesmo que
do outro lado do Atlântico

Iago Sartini,
agradeço imensamente
por contar com seu talento
neste projeto gráfico

A meu pai, Edward, pela generosidade
de me ajudar a sustentar este
momento; ao meu irmão Henrique,
pela disposição para o encontro
verdadeiro

& Rafael Adaime & Gabriela Serfaty
& Tarcísio Almeida & Jeciana
Botelho & Ana Carolina Perrela
& Kátia Lombardi & Soraia Vilela
& Vanessa Marques, obrigada

AOS PROFESSORES & PENSADORES & ESCRITORES & ATIVISTAS & ARTISTAS

A Peter Pál Pelbart, Denise Sant'Anna e João Perci Schiavon, pelas aulas e orientações inspiradoras. Agradeço especialmente a Peter e Perci, que juntamente com Cristiane Mesquita, Rosane Preciosa e Amálio Pinheiro aceitaram o convite para compor as bancas de qualificação e defesa.

Ao Juliano Garcia Pessanha, pela acolhida em seus grupos de estudo, que, como sua obra, também constituíram combustível para o pensamento.

Agradeço especialmente à minha orientadora, Suely Rolnik, pelo estímulo para superar bloqueios, pela acolhida em momentos difíceis do processo, pela abertura de caminhos.



[resumo]

Esta dissertação propõe a realização de uma cartografia dos afetos em jogo nos ambientes da sociedade capitalista contemporânea, do ponto de vista dos seus efeitos sobre os corpos. Busca os vetores de subjetivação que estimulam determinada qualidade de afetos em circulação e bloqueia outros. Para realizá-la, a cartógrafa toma como territórios de pesquisa os ambientes que conheceu, enquanto parte de uma geração que viveu seus anos de formação durante as décadas de 70 e 80 no Brasil, sob a ditadura militar e em meio a instauração da complexa máquina semiótica de produção de subjetividades do neoliberalismo. Como interlocutores, Gilles Deleuze e Félix Guattari e seus intercessores brasileiros, que atuam como “disparadores de escrita” para fabulações. Como desafio, sustentar a porosidade enquanto força criativa. Como bússola, a compreensão das noções de “saber do corpo” e “inconsciente colonial” desenvolvidas por Suely Rolnik.

Palavras-chave: afetos; escrita; subjetividade; porosidade; saber-do-corpo; inconsciente colonial



[summary]

This thesis proposes to undertake a mapping of the emotions at stake in the environments of contemporary capitalist society, from the point of view of their effects on the bodies. Search subjectivation vectors that stimulate certain quality affects outstanding and blocks others. To do it, the cartographer takes as research territories environments that met as part of a generation that lived their formative years during the 80s in Brazil, at which time the neo-liberal values have established their complex semiotic machine production subjectivity. As partners, Gilles Deleuze and Felix Guattari and his Brazilian intercessors, whose works here act as "writing triggers" to literary creation. As a challenge, supporting the porosity as a creative force. As a compass, understanding the notions of "knowing the body" and "colonial unconscious" developed by Suely Rolnik.

Keywords: affections; writing; know-the-body; subjectivity; porosity; colonial unconscious



Sumário

1. Mínimo contexto | 23

Exercícios de ouvir o tempo presente

2. Aproximações | 41

O problema dos corpos I

3. Nove contos ou o que se passou | 53

Relatório atmosférico de pesquisa realizada em ambiente de encontros intensivos

4. Aproximações | 79

O problema dos corpos II

5. Uma novela ou o que se passou | 91

Microfísica – o argumento

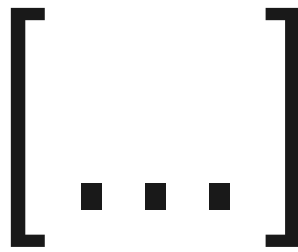
6. Escrita clínica | 99

O texto como pele

7. Mínimo contexto | 107

Ouvindo o tempo presente

8. Bibliografia | 117



“O mundo é um conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro, mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis.”

Gilles Deleuze, *A literatura e a vida*

Crítica e Clínica



mínimo contexto

EXERCÍCIOS

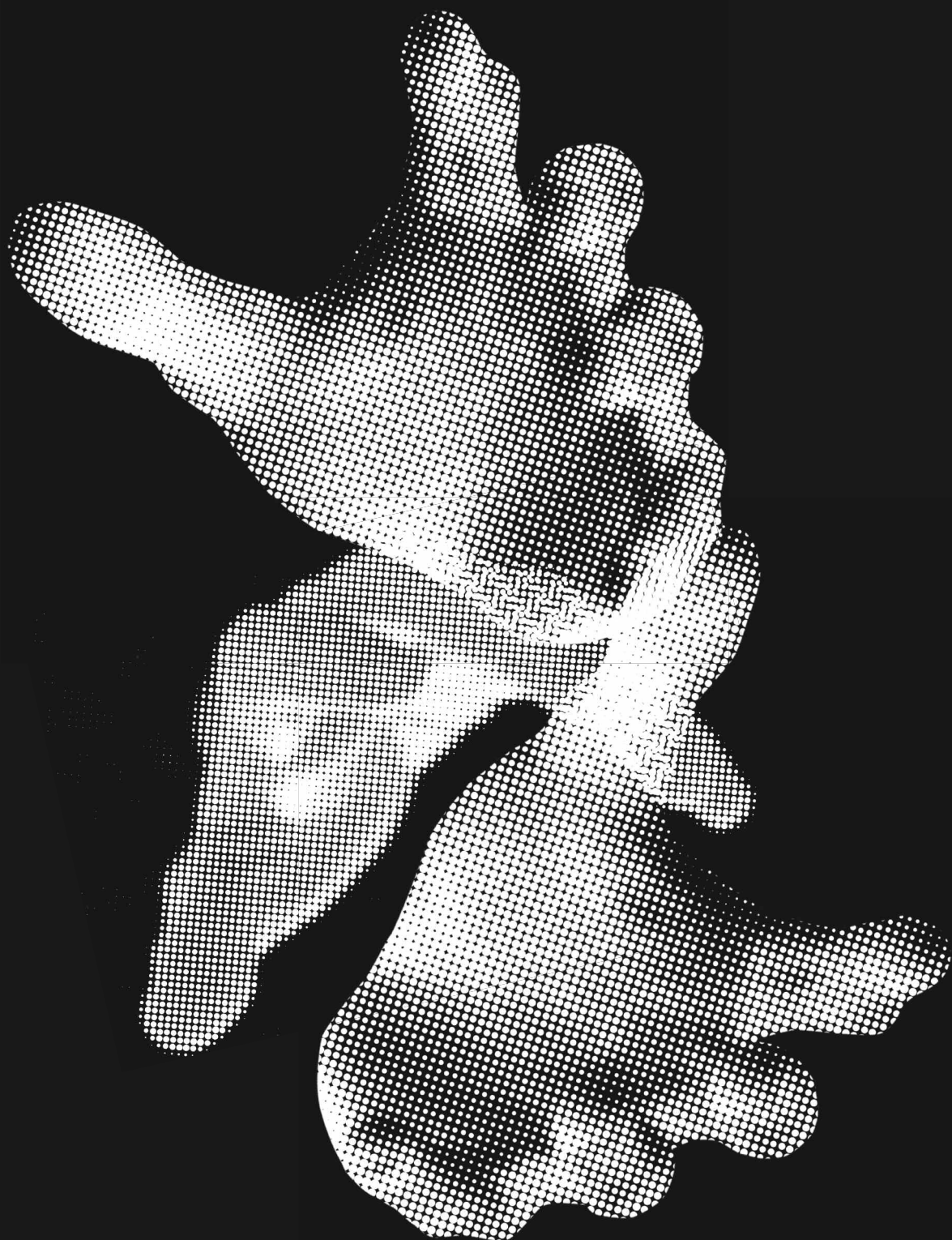
DE OUVIR
TEMPO PRESENTE

EXERCÍCIO

DE OUVIR

EXERCÍCIO

DE OUVIR
TEMPO PRESENTE



1. mínimo contexto

Exercícios de ouvir o tempo presente

Antes do capitalismo formatar duramente a produção cultural como um todo, a atividade jornalística andava de braços dados com o pulso da vida, com o vibrar dos acontecimentos, com a arte e com a literatura. Como mostra a pesquisa empreendida por Cristiane Costa no livro *Pena de aluguel – Escritores jornalistas no Brasil (1904 – 2004)*, grande parte dos escritores brasileiros atuaram em algum momento na imprensa, muitas vezes na imprensa diária, exercitando uma escuta do mundo a partir de sua intuição e sensibilidade.

Sem entrar no debate quanto à influência da experiência jornalística sobre a produção literária, e vice-versa (questão levantada por João do Rio em 1904 e recolocada por Cristiane Costa nos anos 2000), vamos nos ater à constatação de que muitos escritores se encantaram pelo barulho das rotativas. Oswald de Andrade decretou, durante o calor do Movimento Modernista, no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*¹, que “a poesia existe nos fatos”, e Carlos Drummond de Andrade, que antes de se tornar funcionário público trabalhou em redação de jornal diário, escreveu mais de um poema dedicado à musa imprensa. Segue trechos de seu poema “A casa do jornal, antiga e nova”², que consta do apêndice de Cristiane Costa:

Rotativa do acontecimento
Vida fluindo
pelos cilindros,
rolando
em cada bobina.
Rodando

¹ Manifesto publicado no jornal Correio da Manhã em 18/03/1924.

² COSTA, p. 115.

*em cada notícia.
No branco da página
explode,
Todo jornal é explosão.
A cada méson
de microvida
contido
na instantaneidade do segundo
e vibração eletrônica
da palavra-imagem
compõe
decompõe
recompõe
o espelho de viver
para servir
na bandeja de signos
a universalidade
do dia.*

(...)

*Fato e repórter
unidos
re-unidos
num só corpo de pressa,
transformam-se em papel
no edifício-máquina
da maior avenida,
devolvendo ao tempo
o testemunho do tempo.*

Ao contrário do funcionalismo público, em geral apenas um ganha-pão para garantir a atividade literária subterrânea, a atividade na imprensa esteve, até há pouco, impregnada por elementos da ordem do afeto: paixões estéticas e políticas, grandes amizades e inimizades, debates existenciais e a vertigem de quem passa a olhar mais atentamente para o cotidiano não com telescópios, mas a olho nu, estando nele mergulhado. Lembremos de ao menos uma

grande biografia: a de Nelson Rodrigues registrada em *O anjo pornográfico*³, que nos oferece não só um painel histórico, político e cultural da época, como também um atestado da presença dessas intensidades no meio jornalístico/literário brasileiro – naturalmente, para o bem e para o mal.

Quem fala de escrever?

Iniciando-se este “mínimo contexto” com algumas palavras sobre a experiência jornalística, ponto de partida profissional da cartógrafa, vamos agora ao encontro da obra de Deleuze, sendo que ambos os caminhos nos levam à literatura.

Em *Crítica e Clínica*, Gilles Deleuze conta que quando perguntam a Virginia Woolf em que consiste a escrita, ela responde: “Quem fala de escrever? O escritor não fala disso, está preocupado com outra coisa.”⁴ Com isso, Deleuze afirma, a partir de Woolf, que escritores são aqueles que se interessam pelos acontecimentos da vida, e não propriamente pela escrita em si. Isso não significa que os processos criativos não sejam do interesse do escritor, e sim que são o principal interesse daqueles que se dedicam a investigá-los. Naturalmente, tudo é muito mais complicado, e há os que mergulham na questão do escrever como quem mergulha na própria vida. Mas, para o que é preciso iluminar aqui, fiquemos com a frase de Woolf pinçada por Deleuze.

Sem ignorar as críticas tecidas por Deleuze e Guattari ao campo da comunicação social⁵, em especial no que concerne ao excesso e redundância de discursos e ao seu caráter de instrumento do capitalismo cognitivo, prossigo com o desenho deste “mínimo contexto”, que busca tocar no devir-escritor de alguns jornalistas, também impulsionados principalmente por um interesse pela vida num sentido amplo. Trata-se do que os move numa espécie de micropolítica dos fazeres, e não algo que se relacione ao que a macropolítica reduziu

³ CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico – a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

⁴ DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*, p. 16.

⁵ Em “O que é a filosofia?”, obra em que os autores afirmam o lugar da filosofia como criação de conceitos, e apresentam inúmeros “rivais” que disputam este lugar, Deleuze e Guattari, a certa altura, dizem: “Não nos falta comunicação, ao contrário, nós temos comunicação demais, falta-nos criação. Falta-nos resistência ao presente.” [pág. 140]; neste livro lançado em 1991, após uma década de ascensão dos valores neoliberais e emergência da subjetividade yuppie, período de grande afirmação da publicidade, os autores, ao tratar da comunicação como um dos “rivais”, afirmam de maneira irônica: “Enfim, o fundo do poço da vergonha foi atingido quando a informática, o marketing, o design, a publicidade, todas as disciplinas da comunicação apoderaram-se da própria palavra conceito e disseram: é nosso negócio, somos nós os criativos, nós somos os *conceituadores!*” (pág. 19)

esse profissional, ou a profissão, a partir da consolidação da engenharia de produção neoliberal no contexto brasileiro.

Assim, caberia aos escritores realizar uma espécie de “escuta do mundo” a partir de suas próprias potências, percursos de leituras, relações, referências. Os que atuavam na imprensa também exerciam essa mesma escuta, com a diferença de se colocarem de forma mais intensa e horizontal – num sentido de percorrer várias linhas de acontecimentos distintos – em contato com o presente⁶.

O homem que escutava

A editora Companhia das Letras criou uma coleção dedicada a reunir grandes obras da, digamos, “época de ouro” do chamado jornalismo literário, gênero nascido nos Estados Unidos antes do domínio do paradigma da objetividade. Iniciada em 2000 com *Hiroshima*, de John Hersey, conta mais de 30 livros, incluindo desde clássicos como *A sangue frio*, que notabilizou Truman Capote, até destemidas crônicas de guerra de jovens repórteres da atualidade.

Entre os títulos, gostaria de destacar o de um autor que colocou sua escuta a serviço de emissões mais sutis: Joseph Mitchell, do qual a editora lançou *O segredo de Joe Gould*. Mitchell, um dos escritores nascidos no terreno fértil da revista no-vaioquina *New Yorker* da década de 1940 – a mesma que deu nascimento a Truman Capote e a outros autores célebres, como J. D. Salinger e D. H. Lawrence, e teve colaboradores do porte de Milan Kundera –, acompanhou por duas décadas sua “personagem”, um literato e boêmio que escolheu viver em estado de privação nas ruas de Nova York. O que faz sentido destacar, para este “mínimo contexto”, não provém do antológico texto de Mitchell, e sim do posfácio escrito pelo documentarista João Moreira Salles, intitulado “O homem que escutava”.

A escolha do autor do posfácio não poderia ser mais feliz. Afinal, João Moreira Salles idealizou a revista *Piauí*, raro espaço do jornalismo literário no Brasil.

⁶ Se este lugar flexível do exercício da profissão desapareceu para repórteres em geral, atualmente ele existe em livros-reportagem e no fertilíssimo campo do cinema documentário, principalmente a partir dos anos 2000, com suas sofisticadas estratégias narrativas entrelaçadas à fabulação. E também, é claro, nas colunas de jornalistas de escuta afiada como Eliane Brum. A propósito da escuta, em seu texto “O golpe e os golpeados – a barbárie de um país em que as palavras já não dizem”, ao comentar um episódio de violência policial numa favela carioca, ela diz: “A tragédia brasileira é que as palavras existem, mas já não dizem. Porque se não há escuta, não há dizer. As palavras tornam-se cartas enviadas que jamais chegam ao seu destino.” (El País, 20 de junho de 2016)

Ele começa o posfácio contando que certa vez Mitchell ficou duas horas no meio do mato, acompanhando um pica-pau em sua natureza de picar paus. Mitchell postou-se silenciosamente por duas horas na escuta da cena, até que a árvore foi ao chão. Com esse relato, Salles resume características do autor – “uma capacidade incomum de ter paciência, dom que se traduzirá numa obra construída em torno da escuta atenta e constante.”⁷

Com isso, fica colocada uma questão importante para a escrita – a relação com o tempo, algo que a *New Yorker* proporcionava aos seus jornalistas escritores, com alguns fazendo uma mesma pauta por meses a fio, e somente aquela única pauta. Uma verdadeira experiência de “duração bergsoniana”⁸ em pleno jornalismo norte-americano, naturalmente antes da aceleração digital. Considerado pelos colegas “o escritor mais lento do mundo” – não por alguma deficiência qualquer, mas por suas histórias nascerem do convívio íntimo com temas e personagens –, Mitchell estava no lugar certo, na hora certa, sendo a personagem perfeita dele mesmo: um repórter-escritor daquela publicação que deixava que seus escritores – como eram chamados – simplesmente “escutassem”.

No entender de alguém que já tenha passado por uma redação, trata-se da situação extraordinária de poder apossar-se de si, das próprias potências, ao invés de vendê-las barato para a empresa, e a um preço altíssimo para si mesmo. Ele “dependia da boa vontade de editores dispostos a bancar um repórter com verdadeiro horror a notícias, em especial aquelas que aparecem com ponto de exclamação nas manchetes dos jornais. Mitchell inventou uma categoria toda nova para o jornalismo literário: o pequeno tema”⁹. E Salles adverte: não confundamos com “pequeno personagem”.

E assim, “com o apoio de William Shawn, Mitchell passaria o resto de seus anos escrevendo sobre ciganos, anarquistas, *barmen*, índios, surdos-mudos, bilheteiras de cinema, papais-noéis, exterminadores de rato, criadores de barata (o bichinho com antenas) de corrida, mulheres barbadas, pregadores de rua, crianças-prodígio e ‘prodígios de toda natureza, aos quais dedicava o zelo e a proteção com que se cuida de uma criança’, na frase de seu colega da *New Yorker* William Maxwell”¹⁰.

⁷ SALLES, João M. *O homem que escutava*. In: *O segredo de Joe Gould*. Mitchell, Joseph. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁸ Na obra do filósofo Henri Bergson, o conceito de “duração” refere-se à percepção do tempo correndo de forma una, qualitativa.

⁹ SALLES, João M. *O homem que escutava*. In: *O segredo de Joe Gould*. Mitchell, Joseph. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁰ Consideramos que Maxwell cometeu uma grosseria nesta reunião de minorias e bizarrices. No entanto, mantemos a citação por ser esclarecedora da forma de trabalho do escritor.

Homens infames

Provavelmente Michel Foucault não leu Joseph Mitchell. O filósofo francês visitou os Estados Unidos durante a década de 1970, enquanto Mitchell publicou seu último artigo na revista *New Yorker* em 1964 – o mesmo artigo que se tornou o livro “O segredo de Joe Gould”. Assim sendo, é certo que Foucault não se deparou com nenhum de seus textos ao folhear a *New Yorker* nalguma escala de aeroporto rumo à costa oeste. Se viesse a ler, é provável que o autor de “A vida dos homens infames”¹¹, escrito quando ele havia começado a investigar questões da subjetividade, tivesse por Mitchell alguma empatia.

Nas primeiras linhas de “A vida dos homens infames” Michel Foucault faz uma advertência: “isto não é uma obra de história.” E segue definindo o “acervo de vidas” ali apresentado – encontradas em livros e documentos dos séculos XVII e XVIII – como “uma antologia de existências”. Foucault dedicava-se, então, à recolha de textos sobre aqueles que hoje chamaríamos “excluídos”. Partindo de uma documentação penal, ele dizia que seu sonho era “restituir-lhes a intensidade mediante uma análise.” Foucault, portanto, buscava ouvir aquelas vozes que estariam completamente mudas, anuladas, a partir daqueles que justamente desejaram anulá-las, e no entanto garantiram sua perenidade. Seu plano era testemunhar a simples existência daquelas vidas anônimas e “infames”: bêbados, loucos, libertinos.

Outra conexão entre Joseph Mitchell, “o homem que escutava”, e Michel Foucault, que também andava em busca de “temas menores” e chamou atenção para a importância da escuta em seus textos sobre o “cuidado de si”, encontra-se neste trecho de texto publicado em *Ditos & Escritos*:

“É preciso que as vozes de um número incalculável de sujeitos falantes ecoem e se faça falar uma inumerável experiência. Não é necessário que o sujeito falante seja sempre o mesmo. Não é necessário que somente ecoem as palavras normativas da filosofia. É preciso fazer falar todas as espécies de experiências, dar ouvidos aos afásicos, aos excluídos, aos moribundos, pois estamos no exterior, enquanto são eles que efetivamente enfrentam o aspecto sombrio e solitário das lutas. Creio que a tarefa de um praticante da filosofia, vivendo no Ocidente, é dar ouvidos a todas essas vozes.”¹²

¹¹ FOUCAULT, M. *A vida dos homens infames*. In: *Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

¹² FOUCAULT, M. *Metodologia para o conhecimento do mundo: como se desembaraçar do marxismo*. In: *Ditos & Escritos*. v.VI: Repensar a política. Trad. Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 207.

Agora voltemos ao texto de Salles, para depois seguirmos novamente com Deleuze e Foucault. Com isso a cartógrafa tenta dizer um pouco sobre seu ponto de partida para começar a sua própria exploração, e com que ferramentas. João Salles destaca com muita perspicácia algo fundamental do “homem que escutava”:

“A descrição do que ia dentro das pessoas sempre foi o que mais lhe interessou. Como escritor, tinha preferência pelo mergulho vertical – seus artigos são magníficos perfis psicológicos –, em detrimento dos prazeres horizontais, digamos assim, do enredo. (Não por acaso, seu grande herói literário era James Joyce.)”¹³

Ao ler “pequeno tema”, pode vir à mente a “literatura menor”¹⁴ a que Gilles Deleuze se refere em *Crítica e Clínica*. Pode ser que o “pequeno tema” remeta apenas a uma questão conteudística, enquanto a “literatura menor” busca definir algo muito mais amplo – uma forma altamente singular de escrever que acaba por produzir uma “língua dentro da língua”.

No entanto, muitas vezes “temas menores” se cruzam com essa literatura num mesmo exercício de escuta, uma vez que se relacionam justamente ao que não costuma ser visto, ouvido, ter a existência considerada.

Para melhor expressar esse ponto de vista sobre a relação entre forma e conteúdo – melhor dizendo, um jeito de entendê-la –, recorro a Clarice Lispector, que num de seus textos sobre a escrita, comenta:

“(...) o problema é que não há, de um lado, um conteúdo, e de outro a forma. Assim seria fácil: seria como relatar através de uma forma o que já existisse livre, o conteúdo. Mas a luta entre a forma e o conteúdo está no próprio pensamento: o conteúdo luta por se formar. Para falar a verdade, não se pode pensar num conteúdo sem sua forma. Só a intuição toca na verdade sem precisar nem de conteúdo, nem de forma. A intuição é a funda reflexão inconsciente que prescinde de forma enquanto ela própria, antes de subir à tona, se trabalha.”¹⁵

¹³ SALLES, João M., op cit.

¹⁴ Por “literatura menor” Deleuze e Guattari definem o que eles encontram nas obras de alguns autores, entre eles Kafka: uma desterritorialização cultural, uma língua minoritária, criação do autor, dentro da língua.

¹⁵ LISPECTOR, Clarice. De escrita e de vida. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. P. 87.

Se ao lermos “pequeno tema” podemos pensar em “literatura menor”, ao lermos a palavra “escuta” não há como não pensar em “escuta analítica”, ainda mais considerando o contexto acadêmico em que se encaixa esta dissertação. No entanto, não se trata disso, e nem por essa trilha seguiu João Salles. Trata-se, aqui, da escuta como a disposição para ouvir alguém, simplesmente. Não há setting analítico, não há método, não há técnica (ao menos àquela altura do jornalismo literário). Em comum, podemos considerar que haveria uma ética. Uma ética do bem-ouvir. Algo como o que fazia o documentarista Eduardo Coutinho em seu cinema-documentário baseado em uma “escuta sensível da alteridade”¹⁶, em suas próprias palavras. Não que no cinema de Coutinho não existam regras, mas todas submetidas à proposta de se escutar plenamente o outro.

Falar em Eduardo Coutinho é como uma senha para nos levar de volta ao texto de Salles, que muito o admirava. E novamente chegamos a Mitchell:

“Mais do que um ótimo entrevistador, Joseph Mitchell era um soberbo praticante da arte de escutar. Todos os seus artigos, sem exceção, têm origem na escuta. Se existe a fala caudalosa, suponho que também exista a escuta caudalosa. Mitchell a possuía. Ele escutava, escutava, escutava.”

Nessa escuta plena, sem julgamentos, apenas deixando que o outro desenrole seu enredo, não raro aquele que fala acaba por compartilhar algo que não apenas surpreende quem escuta, mas também a si mesmo. Era o que Mitchell chamava de “observação reveladora”:

“A ‘observação reveladora’ é aquela que surge absolutamente singular, dita provavelmente pela primeira vez, para surpresa e alegria do próprio falante. É uma palavra nova e inviolada, trazida à tona pela feliz empatia entre quem fala e quem escuta. Pouca gente consegue provocar isso. É preciso que, sem palavras, o entrevistador seja capaz de dizer ao entrevistado que tudo o que ele tiver a falar importa e merece ser ouvido. Esta é a dimensão moral da escuta: ouço porque você me interessa. Era assim que Mitchell escutava.”

¹⁶ COUTINHO, Eduardo. *O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História/ USP, 1997.

Escrita clínica

Ao iniciar o texto com uma aproximação entre a escrita jornalística e a literária – aproximação que chegou a encantar muitos grandes escritores, e mesmo a servir de motor para outros tantos –, não tenho como intenção fazer um canto saudosista do chamado “jornalismo literário”, até porque seria inteiramente despropositado. Minha ideia é situar de onde parto para a realização dessa dissertação: venho de uma prática de escuta do mundo, mesmo que exercitada em espaços modestos, e não de uma formação sólida num determinado campo conceitual¹⁷. Nesta prática, um encontro com a Esquizoanálise despertou-me para pensar sobre esse lugar fronteiro ocupado, em geral, por escritores e artistas autodidatas, e senti-me autorizada a buscar uma produção a partir dele, considerando-o como o lugar de fala da cartógrafa.

Para evitar qualquer impressão de grandiosidade que falar numa “escuta de mundo” possa deixar, lembro do que disse Zuenir Ventura sobre o ofício do jornalista generalista: “não sabemos nada. A única coisa que costumamos saber, quando muito, é perguntar.”¹⁸ Seria bom acrescentar a isso “ouvir”. E esse exercício de escuta acaba por se impor em todas as situações da vida. Torna-se impossível desligar o aparelhinho. Uma vez ligado, passa-se a vida inteira na função, a escutar não só apenas uma pessoa, mas um lugar, uma situação, uma cena. Essa escuta assim, ampla, acaba naturalmente por gerar muitas “sobras”, acumular muito resíduo que não cabe numa produção específica, ou mesmo numa conversa qualquer. Esse resíduo um dia se impõe como algo que de fato existe, que precisa ser considerado.

No entanto, todo o exposto ainda não justifica o porquê da escolha pela expressão “escrita clínica”, ou o porquê da escolha pelo contexto do Núcleo de Estudos da Subjetividade para abrigar esse processo. O exercício de escrita que se segue vem se abrigar no Núcleo de Estudos da Subjetividade por desejar a interlocução com aqueles que estão pensando e trabalhando a partir da proposta micropolítica da Esquizoanálise e sua crítica à dominação dos inconscientes e às produções de subjetividade produzidas pelo capitalismo. Partindo deste referencial de pensamento, poderemos olhar para os efeitos de determinadas

¹⁷ Um momento dessa prática foi como editora-assistente na revista de cultura *Palavra*, fundada por Zivaldo com uma proposta próxima do chamado “jornalismo literário” (<https://pt.scribd.com/doc/116169791/Palavra>, senha “casa3333”)

¹⁸ Colhido de memória de palestra feita por Zuenir Ventura.

afecções sobre nossos corpos neste contexto psíquico-social. Uma *ausculta* de afetos a partir de modos de ser, estar, habitar neste mundo contemporâneo – mais especificamente, no Brasil do fim/começo de milênio. A escuta aqui exercitada liga-se especialmente às emissões de todo e qualquer conteúdo relacionado às produções de subjetividade. Daí decorre sua conexão com a Esquizoanálise, uma vez que essa proposta clínica está atenta aos modos de subjetivação de sujeitos e grupos em suas relações com instituições e com o mundo. No caso deste texto, nosso olhar está atento em especial à vida cotidiana.

Sendo um exercício de escrita clínica, acaba por se revelar, também, uma espécie de “escrita de si” – escrita de si compreendida no contexto do “cuidado de si”, último trabalho de Michel Foucault. Essa escrita se faz a partir de inúmeros encontros com a escrita de outros.

Tempo-espaço cartográfico

Essa cartografia de afetos, então, atravessa a temporalidade do vivido. Pode ser interessante dizer um pouco dessa temporalidade de um ponto de vista geracional. Quem aqui fala vem de uma geração brasileira especialmente silenciada, aquela que passou seus anos de formação sob a ditadura militar. Uma geração que chegou à idade adulta carregando muitos silêncios tanto dentro quanto fora de si.

Enquanto uma minoria enfrentava os horrores da ditadura, a maior parte da população vivia num território falsamente seguro, delimitado por uma espécie de cerca invisível feita de medo. Mais tarde, receberam os vetores de subjetivação neoliberais e seus referenciais de sucesso. Tudo isso se resume em manter distância de qualquer “anomalia”, qualquer “risco”. O sucesso é uma estrada segura, basta seguir as regras. Assim, neste cenário de vazio político e de “milagre econômico” surge uma subjetividade bastante voltada para um mundo mais fechado, apolítico. E que parece ter “acordado” para a política de forma bastante equivocada, para falar gentilmente das manifestações conservadoras dos últimos três anos.

Essa cartografia parte deste “caldo cultural”, da cultura de determinado momento, que acaba por banhar determinada geração. Parte de um Brasil um tanto quanto opaco. Um Brasil que não está nas novelas ou nos filmes, o lugar

privilegiado de se traçar o rosto de um país. E no entanto, não se trata de uma minoria. Neste ponto, é preciso voltar ao trabalho de Joseph Mitchell para esclarecer do que estamos falando: é como se tentássemos fazer a mesma operação – falar de algo que não está às claras. No entanto, não está às claras não porque foi excluído da área iluminada da vida por outrem: é justamente do elemento que promove exclusões que estamos falando. Dos que estão “na linha”, e não à margem.¹⁹

Não que esse caráter opaco esconda uma paisagem completamente chapada: não gostaríamos de contribuir para a construção de estereótipos, por mais que a tentação seja grande e às vezes nos rendamos a ela. No próximo item, lidamos com as limitações de um determinado "caldo de cultura", como acontece na obra de Juliano Garcia Pessanha ao visitar os lugares de sua vida em que encontrou seres programados para o alto desempenho. São olhares sobre a mentalidade das elites brasileiras e seus valores, mentalidade esta que naturalmente influencia a sociedade como um todo na produção de seus desejos e valores.

A despeito de sua difícil delimitação, nosso ponto de partida dispõe de concretude. O trabalho mais interessante talvez seja de cunho fotográfico, tal como uma pesquisa iconográfica realizada em arquivos empoeirados: tentaremos cavucar na memória o momento em que determinada afecção impactou sobre determinado corpo, e como esse corpo reagiu a ela. Para isso a cartógrafa utiliza como ferramenta a memória do seu próprio corpo, e a escuta atenta de um certo mundo. Ou seja, coloca-se à disposição do experimento.

Enfim, deixa-se para trás a experiência jornalística para se fazer exatamente o contrário do que ela prega. Parte-se de inspirações sobre “temas menores”, de gente excluída, para tentar decifrar questões da subjetividade dominante – melhor dizendo: dominada. Parte-se, devo admitir, de uma grande confusão, a própria cartógrafa perdida no emaranhado que se propôs atravessar.

¹⁹ Chamo para me auxiliar neste argumento o texto do filósofo Cláudio Oliveira, que decidiu estreitar a sua coluna na revista *Cult* fazendo uma apresentação geracional (ele nasceu em 1968), como filho de uma classe média indiferente ao golpe militar no Brasil, seja por medo da violência, seja por falta de cultura política para compreender o que de fato acontecia. Ao relatar a sua vivência de criança, ele considera que faltam produções culturais sob esse ponto de vista majoritário, e ao mesmo tempo tão silencioso – o mesmo silêncio daqueles que bateram panelas contra Dilma Rousseff e agora fazem um silêncio tão incômodo frente ao desmonte das políticas públicas. Texto: <http://revistacult.uol.com.br/home/2016/11/meus-pais-meu-pais/>

Outros infames

Como acontece com as cartografias, ao dar a partida no processo a cartógrafa não tinha ideia de onde iria parar. Partiu um pouco às cegas, movida pela intuição de que havia algo a ser investigado na questão dos afetos nos corpos contemporâneos, suas durezas e fragilidades. Havia também a aspiração de, com esse processo, esboçar um território existencial, território este que parecia se confundir com uma certa escrita que havia sido perdida nalgum momento passado. Para isso foi programada a produção de uma maquininha feita de pele porosa – maquininha essa que sempre existiu, mas que funciona aos solavancos –, um dos instrumentos utilizados na escrita clínica. Lidar com o que parecia ser um excesso de porosidade também estava em questão. Escuta, pele, escrita e memória são elementos deste experimento.

Ao escrever este primeiro capítulo, numa tentativa de explicitar o confuso ponto de partida da cartógrafa – jornalista e poeta bissexta um tanto quanto generalista, em meio a psicólogos, psicanalistas, médicos, filósofos e artistas do Núcleo de Estudos da Subjetividade –, surge a incontornável referência a uma certa prática jornalística; o entendimento dessa prática como uma forma de genuíno interesse pelos processos vitais que se dão no presente; a sua ferramenta principal, a escuta/escrita de mundo, que apesar de ter se tornado algo utópico no contexto do jornalismo atual, foi vivenciada e se tornou parte de seu corpo de fazeres. E uma pista dos territórios por onde a cartografia vai-se fazendo: uma pista geracional.

A questão geracional cresceu em importância frente ao contexto político brasileiro dos últimos anos, especialmente de 2013 para cá – justamente o período em que transcorreu o mestrado. Frente ao advento dos “coxinhas”²⁰, e o risco dessa nova direita se converter em um novo ovo da serpente fascista, interessei-me em descobrir o peso dessa geração, formada sob a ditadura militar, nisso.²¹ E chegamos, enfim, à questão dos afetos. Os afetos que a alimentaram em seu percurso e os afetos que a moveram.

Parece-me importante olhar para essa geração invisível, a respeito de que em geral só se faz piadas sobre cabelos. Atropelada entre a exuberância da geração

²⁰ Gíria que se refere à parcela da população brasileira que se engajou nas manifestações pró-impeachment de Dilma Rousseff, baseando-se no argumento do combate à corrupção, que na prática revelou-se ser apenas de demonização do PT (Partido dos Trabalhadores).

²¹ Afirmação com base em pesquisa do DataFolha divulgada em 14/03/2016: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/03/1749640-protesto-cresce-mas-manifestante-mantem-perfil-de-alta-renda.shtml>

anterior e a velocidade da seguinte, silenciada de si, esvaziada politicamente, compõe solo fértil para chocar ovos postos pelo medo. Proponho vê-la como outro tipo de personagens “infames” – não aqueles excluídos, marginais, ou bizarros. Não as minorias, mas essa maioria silenciosa pouco conhecida justamente no que nos interessa: a questão dos afetos. Passaremos por ela, inevitavelmente.

Em primeira pessoa, às vezes

Relacionar-se com a obra de Deleuze pode ser arriscado. Muitos entendem como um imperativo passagens de sua obra em que ele combate as molduras das identidades pessoais e nacionais. Dizer-se “brasileiro”, ou de determinada geração, por exemplo. No entanto, para além dos inúmeros estereótipos da brasilidade, não sabemos bem o que é ser brasileiro. E quando considero a minha geração, trata-se de uma geração tão discreta, para não dizer inexpressiva, que não há nenhum orgulho em dizê-lo. É simplesmente a constatação de um ponto de partida.

Estou, com isso, tentando clarear porque me permito, aqui, correr o risco de usar a primeira pessoa do singular – uma proibição no jornalismo em geral, como lembra Cristiane Costa em sua introdução de *Pena de aluguel*, que só se permite falar em primeira pessoa no seu parágrafo de agradecimentos. E algo que talvez possa ser lido como uma espécie de “gafe” no contexto dos estudos deleuzianos, como comentado acima sobre a guerra travada por Deleuze contra o sujeito em contraponto às subjetividades e seus agenciamentos coletivos de enunciação. Precisamos, então, lembrar do que disse Deleuze sobre a questão, em sua “Carta a um crítico severo”, publicado em “Conversações”:

Dizer algo em nome próprio é muito curioso, pois não é em absoluto quando nos tomamos por um eu, por uma pessoa ou um sujeito que falamos em nosso nome. Ao contrário, um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem. O nome como apreensão instantânea de uma tal multiplicidade intensiva é o oposto da despersonalização operada pela história da filosofia, uma despersonalização de amor e não de submissão. Falamos do fundo daquilo que não sabemos, do fundo de nosso

próprio subdesenvolvimento. Tornamo-nos um conjunto de singularidades soltas, de nomes, sobrenomes, unhas, animais, pequenos acontecimentos: o contrário de uma vedete.

Foucault, por sua vez, também travou esse combate no campo da literatura, ao negar qualquer indício de desejo de autoria em seu “O que é um autor”, num momento em que, na França, vivia-se uma hipervalorização desse status. Foucault lançou a questão sobre a autoria num momento em que o lugar do autor havia se transformado numa função forte demais, uma das funções do sujeito, e precisava ser abalada, minorada. Pode ser interessante lembrar que essa figura do “autor” a que Foucault se referia, na Paris dos anos 1960, era a de alguém que detém autoridade sobre o que diz, alguém que detém a palavra. Pois entre aquele contexto e o nosso, do Brasil dos anos 2000, temos diferenças consideráveis. Quem aqui escreve recebe a influência de um outro tempo e lugar, e se encontra longe de identidades e autorias consolidadas, de verdades construídas e afirmadas.

Assim, que o pronome “eu”, quando surgir, seja índice de “menos”, e não de “mais”. É simplesmente uma sinalização de experiências solitárias. Pois como a proposta é falar de afetos, é importante considerar essa condição – a solidão. Não se trata nem mesmo de afirmação de uma voz minoritária, mas reconhecível culturalmente, portanto parte de uma comunidade, como no caso da obra de Grada Kilomba na 32ª. Bienal de São Paulo (obviamente guardando as devidas proporções, lembrando apenas que todas as frases do seu trabalho levam o pronome “Eu” – *While I write – I become the author and the authority on my own history*).

A voz que aqui tenta se expressar já nasce na porosidade, num lugar de atmosfera enevoada. Parte de um lugar que se distanciou de raízes culturais que poderiam sustentar cultural e afetivamente seus habitantes para entregar-se ao suporte religião, meritocracia e cultura de massa. Desconstrói esses suportes e passa a experimentar linhas de fuga. Feita essa ressalva, deixamos de correr outro risco: o de acabar transformando o “nós” num plural majestático meramente estilístico, o que inclusive já pode ter acontecido neste mínimo contexto.

De Foucault, mais produtivo para esta escrita é lembrar do que ele diz quando se refere ao ponto de partida de suas pesquisas:

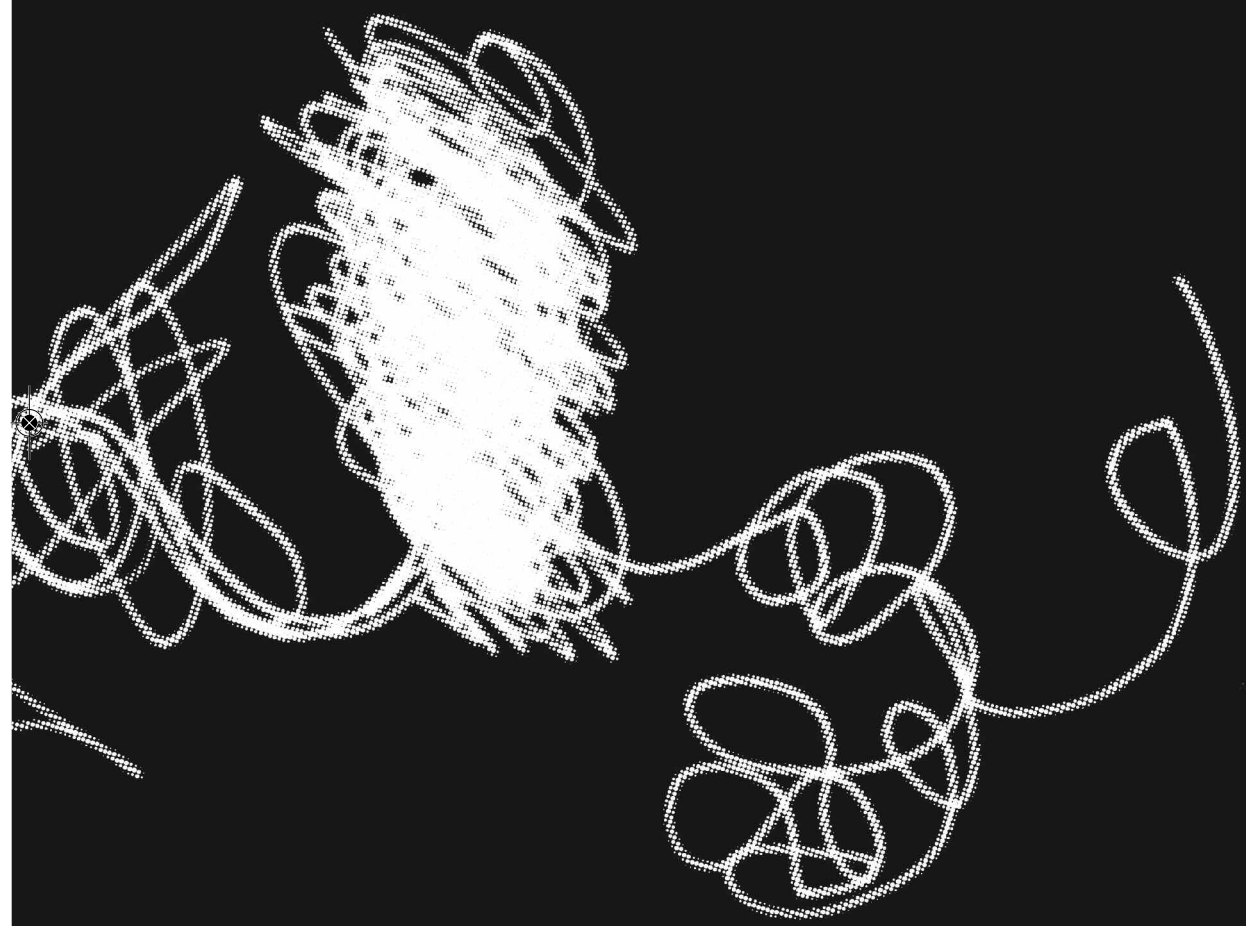
²² FOUCAULT, M. *A vida dos homens infames*. In: *Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

“Sempre que tentei fazer um trabalho teórico, foi a partir de elementos da minha própria experiência. Era por pensar reconhecer nas coisas que via, nas instituições com que tinha que ver, nas minhas relações com os outros, brechas, abalos surdos, disfunções, que empreendia um tal trabalho – um qualquer fragmento de ‘biografia’.”²²

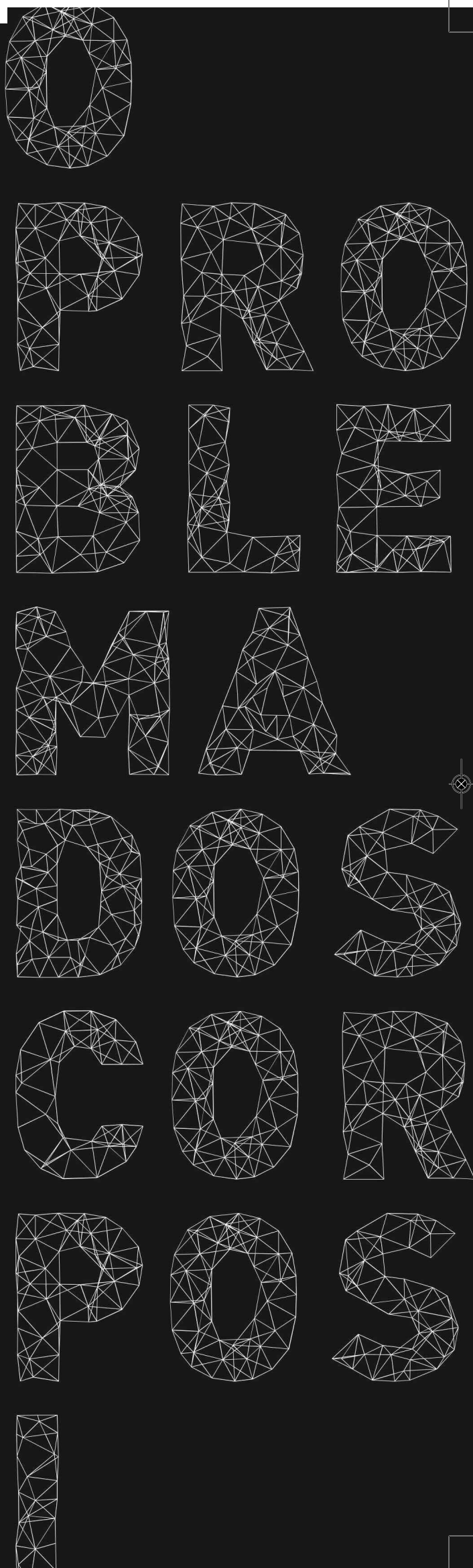
Então, olhar o mundo a partir de um certo ponto de vista e perceber nele algumas linhas de força que atuam em determinado momento, algumas subjetividades que nascem em certos territórios, afetos que se encontram nesses tempos/espacos, são coisas que alimentam essa escrita. A proposta é traçar uma cartografia afetiva capaz de acolher algo da ordem da clínica e do invisível presentes na contemporaneidade.

Como no título da 31ª. Bienal de São Paulo – que também pode ser remetido aos “pequenos temas” de Joseph Mitchell, aos “homens infames” de Michel Foucault, a uma imensidão de filmes documentários contemporâneos, em que todo tipo de singularidades excluídas encontraram abrigo –, tentaremos, com a escrita clínica, “falar de coisas que não existem”. Coisas que não existem no ethos do neoliberalismo redutor, que as torna praticamente invisíveis para todos os que nele vivem – melhor dizer, que nele “funcionam”. Uma cartografia em parte escrita em forma de poemas e pequenos contos, fabulações²³ nascidas da escuta de ruídos, murmúrios, sussurros, entre palavras de ordem de todas as tonalidades.

²³ Sobre o conceito de “fabulação”, referimo-nos à fabulação em Gilles Deleuze, associada a processos de criação que acontecem de forma a criar um atrito com o tempo presente, atrito esse que seria um movimento exigido pelas potências da vida.



aproximações
o problema dos corpos I





2. aproximações

O problema dos corpos I

Uma civilização que põe o corpo de um lado e o espírito do outro arrisca-se a breve prazo a ver quebrarem-se os laços que unem estas duas realidades dissemelhantes.

(A. Artaud, "O México e a civilização")

Apresentado o ponto de partida jornalístico/literário que conduz à proposta de realização deste experimento de escrita, prosseguimos para apresentar as conexões deste trabalho com as questões relacionadas aos afetos.

O experimento de escrita aqui proposto ancora-se em algo concreto: o problema dos corpos especialmente no contexto do capitalismo tardio, tentando decifrar como os vetores da subjetividade dominante impactam sobre os corpos contemporâneos. A abordagem inspira-se em três situações: a dos “corpos blindados”, presentes na obra de Juliano Garcia Pessanha²⁴; a dos “corpos moídos”, corpos adoecidos na sua impossibilidade tanto de se fecharem defensivamente quanto de se manterem abertos ao ambiente; e a dos corpos porosos, que se aproximam do que Deleuze e Guattari definem como “esquizo”²⁵. Um corpo que busca manter a “frágil saúde” a que se refere Deleuze em *Crítica e clínica*.

Podemos conectar essa “frágil saúde” de que fala Deleuze ao “saber do corpo” de que fala Suely Rolnik, e dessa forma a questão torna-se transversal, não se prendendo apenas à figura do escritor. O acesso a esse saber seria a condição para a sustentação de uma “frágil saúde”, frágil porque o corpo que a sustenta mantém-se de poros abertos para o mundo.

²⁴ PESSANHA, Juliano G. *Testemunho transiente*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

²⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo*. Tradução de Luis Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

Em sua apresentação “Pensar a partir do saber-do-corpo”²⁶, Suely Rolnik afirma a importância desse caminho de pensamento para a resistência micropolítica na contemporaneidade. Em seu longo convívio com a obra de Deleuze e Guattari, ela agora realiza uma síntese que inclui muitos conceitos: sendo o capitalismo um “sistema mundial integrado”, como chamou Félix Guattari, desenvolveu grande poder de capilaridade, penetrando corpos e mentes numa linha de montagem de subjetividades pelo planeta. Até mesmo nossos inconscientes estão à mercê de suas armadilhas de dominação.

Por isso, numa das epígrafes da obra de Deleuze e Guattari escolhida por Suely, os autores dizem que se dirigem “aos inconscientes que protestam”. Esses “inconscientes que protestam” têm um trabalho hercúleo pela frente. Afinal, o trabalho do CMI tem sido muito bem realizado, especialmente da segunda metade do século XX em diante. Com isso, os inconscientes das vidas capitais encontram-se lotados de conteúdos recalcados, sensações bloqueadas sempre que não se encontram de acordo com os valores do CMI.

Para expor a questão, Suely toma o experimento com a fita de Moebius realizado por Ligia Clark e suas superfícies de experiências distintas: uma delas nos é familiar, aquela em que um sujeito conhece o mundo a partir da sua bagagem pessoal (de sujeito), sensorial, sentimental, marcada por sua condição cultural. Surge o conhecimento racional, sensível-cultural, familiar à maioria.

Do outro lado da fita, temos a experiência que Suely chama de “fora do sujeito”, a partir da qual a subjetividade (e não o sujeito, como na outra experiência) apreende as forças (e não as formas) de um mundo em seu estado vital (e não no estado atual das coisas, como acontece com o outro lado da fita). Suely chama essa coisa apreendida de “germe de mundo”, algo capturado por uma experiência extrapessoal, extrasensorial, extrapsicológica, extrasentimental. Esse caminho nos leva a um outro saber que não o conhecimento racional: leva-nos ao “saber-do-corpo”²⁷ e às estranhezas que tal saber pode nos trazer.

De acordo com Rolnik, são dois caminhos de pensamento complementares. O pensamento que surge no campo das forças produz uma micropolítica ativa

²⁶ ROLNIK, Suely. *Pensar a partir do saber-do-corpo – uma micropolítica para resistir ao inconsciente colonial-capitalístico*. São Paulo, abril de 2016.

²⁷ Em suas aulas, Suely compartilhou uma atualização do seu pensamento em processo sobre a questão do “saber-do-corpo”, presente com muito vigor em sua obra desde o encontro com Ligia Clark. Uma dessas atualizações se encontra em texto ainda inédito chamado *Pensar desde el saber-del-cuerpo – Una micropolítica para resistir al inconsciente colonial-capitalístico*.

que leva a criar e a implicar (no sentido de se colocar dentro das questões tratadas), e o campo das formas produz uma micropolítica reativa que leva a explicar, racionalizar, olhar tudo de fora. Quando esse sobrepõe-se ou anula o outro, acaba por levar à reprodução do inconsciente colonial-capitalístico. Com isso, a subjetividade dominante resulta de uma perspectiva antrope-falo-egocêntrica de ser, habitar e agir no mundo (perspectiva essa individual, homogênea, identitária, universal-capitalística), acabando por perder a sua dimensão complementar, antropofágica (relacional/ heterogênea/ singularizante/ pluriversal).

Certamente, é bem mais seguro funcionar como um sujeito que pensa a partir de uma bússola moral, cultural, do que arriscar a tomada de outros referenciais, fruto de perspectivas relacionais, de uma bússola ética.

Suely já havia falado do “inconsciente antropofágico”²⁸, uma possibilidade libertária, a partir de seus encontros com linhas de criação e subversão da cultura brasileira. Agora, num momento em que se percebe a retração daquelas linhas libertárias lançadas nos anos 60 e 70 – não sem gerar muitos frutos, tanto na política, a nível macro e micro, quanto nas artes –, ela nos apresenta o outro lado dessa moeda – o “inconsciente colonial-capitalístico”. Essa formação do inconsciente trava o acesso a outros canais de conhecimento, formas de apreender a realidade capazes de nos mostrar algo além do que nos é familiar.

Ao elaborar dez sugestões para “descolonizar o inconsciente”²⁹, a primeira delas é a de “desanestesiá-la a vulnerabilidade às forças em seus diagramas variáveis, a vulnerabilidade da subjetividade fora-do-sujeito”. O processo, assim, já começa com um grande desafio, uma vez que encarar a vulnerabilidade, a fragilidade que esse campo de forças acaba por provocar, é um dos maiores pavores da nossa civilização capitalista de alto desempenho, em que tudo deve ser programado, projetado, calculado, para que não haja perdas.

²⁸ ROLNIK, Suely. *Inconsciente antropofágico – ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

²⁹ ROLNIK, Suely. *Pensar a partir do saber-do-corpo – uma micropolítica para resistir ao inconsciente colonial-capitalístico*. São Paulo, abril de 2016.

Entre moagens e blindagens

*Tapar os ouvidos com cera ou chumbo derretido.
Construir uma fortaleza de aço blindado em volta
de si.
O próprio corpo produzir uma resina que feche os
poros,
como o própolis faz nas fendas dos favos de mel.*

(“Canto da Sereia /Primeiro movimento”, de Wally Salomão)

Tornar-se um *loser*, alguém que se deixa arrastar, tragar pela correnteza do mundo, é o grande temor, e a melhor forma de evitar essa derrota é blindar-se. Os corpos blindados são corpos que interrompem seus dispositivos de apreensão estético/clínica (feita a partir do saber do corpo), ou seja, tentam evitar o contato com qualquer estranhamento. Assim, limitam sua potência criativa e seus devires, tornando-se corpos reprodutores do conhecimento e da subjetividade instituídos.

“Foi apenas porque eu sofri formidavelmente na terra das figuras, na terra do homem-diploma e do homem-doutor (...) que eu, não tendo encontrado aí eco ou ressonância alguma e lugar algum de descanso e acolhimento, dirigi-me aos diários a fim de não ser triturado pela ofuscação gelada dos homens blindados.”³⁰

A imagem dos “homens blindados” já me acompanhava, vinha-me como “homens couraça”, “homens vestidos em armaduras”, “homens com cabeças de cimento armado”, até que em *Certeza do Agora*, de Juliano Garcia Pessanha, encontrei a expressão mais bem acabada pela sua atualidade: “homens blindados”. Para o autor, “o homem blindado não está aberto à visitação dos afetos ou da palavra.” Acredito que Juliano tenha chegado a uma figura fundamental para se ler o mundo hoje, um lugar por onde circula tanta cotidiana hostilidade que a “blindagem” acaba se tornando um processo natural e desejável, algo a ser alcançado.

Já os “corpos moídos” têm uma experiência radicalmente diferente: não conseguindo se blindar, acabam por sucumbir ao excesso de afecções na relação

³⁰ PESSANHA, Juliano. *Certeza do agora*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. P. 24.

com o mundo por estarem em um estado excessivo de abertura, por estarem numa situação em que a potencialidade de avaliar o mundo pela via estético/clínica opera sem censuras.

A expressão “corpos moídos” foi cunhada por Darcy Ribeiro para referir-se aos corpos explorados de índios e negros, expandindo-se depois para a situação do brasileiro em geral. Uma de suas várias frases célebres é aquela que define o Brasil como “máquina de moer gente”. Apropriei-me dela para levá-la ao campo mais subjetivo. Sem deixar de considerar a existência das situações de assujeitamento medievais em nosso país até hoje, penso aqui em “corpos moídos” como o corpo do homem que adoece quando imerso na máquina de produção semiótica de subjetividades da vida capital.

Os “corpos moídos” são aqueles que vivem situações de assujeitamento tão intensas que acabam por terem seus corpos transformados em um curto-circuito de tensões. O que está “moído”, enfim, é seu afeto. Talvez não tenham sido tão competentes na blindagem, talvez tenham deixado os poros abertos demais e receberam sensações desestabilizadoras. Para um e outro, a saída é vestir uma tranquilizante “identidade *prêt-à-porter*”³¹, disponível no supermercado dos meios de comunicação de massa. Mercado, esse, extremamente inteligente, pois trata de aumentar a oferta de identidades a cada dia, oferecendo produtos customizados, capazes de promover a inclusão das minorias. Basta que a minoria em questão seja capaz de consumir, para que seja bem-vinda.

No contexto do capitalismo atual, é isso o que vivemos: as identidades estão à venda para aplacar a angústia dos momentos de transição, de germinação de ideias, de modos de ser e de habitar o mundo. Se as várias tradições culturais sempre tiveram suas linhas de estriamento para todos os que nascem em seus territórios de influência, o fato é que atualmente o *timing* do mercado tem exigido definições mais apressadas de todos. As tradições se dissolvem na máquina de vender futuros do mercado. Ninguém tem o direito de passar um tempo com um rosto meio borrado, de não saber ao certo que figura está nascendo de um novo encontro, de uma nova intensidade vivida. Ninguém tem o direito de viver uma pergunta.

³¹ ROLNIK, Suely. *Uma insólita viagem à subjetividade*. Texto disponibilizado na internet, no endereço que reúne textos dos membros do N. E. Subjetividade: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagemsubjetic.pdf>

A partir daí, temos um problema que se relaciona com aquele colocado por Deleuze e Guattari no texto “Como construir para si um corpo sem órgãos”³²: como sustentar essa abertura para o mundo sem cair na fragmentação e na impotência? Como sustentar essa abertura sem ceder às forças de estriamento e correr para uma operação-blindagem?

Porosidades

*A flor de estufa
salta a cerca
para luzir no mangue.
E se empenha de fulano, sicrano e beltrano.
Sua vida atual reverbera vozes pretéritas,
adivinha vozes futuras.*

*Sua obsessão:
Que Eco se transforme em Narciso,
Que Eco se metamorfoseie em fonte.*

(“Canto da sereia / Segundo movimento”, de Wally Salomão)

A questão aqui colocada levou a cartógrafa ao encontro com o conceito de “borderline”. Interessante que esse conceito chegou por duas vias distantes daquela mais conhecida, a patológica. Somente depois desse primeiro contato é que percebi o risco de lidar com palavra tão carregada de significados registrados na CID (Classificação Internacional de Doenças) e no DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Assustadores, mesmo, são os livros lançados sobre o tema. Um deles me chamou a atenção pela capa piegas, mais parecendo uma novela de TV: um salto alto estraçalhando um coração.

Imagens como essa fizeram com que a cartógrafa desejasse tomar distância dessa palavra, já que a porosidade em questão neste trabalho não é patológica, e sim algo vital que as culturas em geral tratam de bloquear. Trata-se, também,

³² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “Como criar para si um corpo sem órgãos”. In: *Mil platôs* V. III. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

de adoecimento, tanto no sentido dos poros bloqueados quanto indefesos demais, mas longe de categorizações. No entanto, vale inserir, aqui, as duas referências que visitei antes do encontro com imagens de mulheres que parecem saídas de filmes de Almodóvar, na melhor das hipóteses.

Começarei pela segunda versão interessante de “borderline” que encontrei: ela está no livro *Borderline – uma outra normalidade*³³, do psicanalista Nahman Armony. Chamou-me atenção o fato de o livro ser resultante de uma tese defendida na Escola de Comunicação da UFRJ: “Identificação dual-porosa: emergência de um modo de comunicação.”

Nela, Armony constroi uma nova interpretação para os pacientes compreendidos por ele como dentro do espectro “borderline” em seus anos de clínica. Trata-se de uma construção muito interessante, em que ele, ao invés de categorizar todos os pacientes simplesmente como “perigosos”, o que é bastante comum, faz um discernimento entre aqueles que agem de forma “ecológica” e aqueles que agem de forma “exploradora”, ambos os casos a partir da facilidade que eles têm de sondagem das subjetividades e ambientes.

Trata-se de um trabalho bastante denso e complexo, cuja construção começa em Winnicott, e naturalmente não é minha pretensão comentá-lo. Apenas gostaria de chamar atenção para uma passagem já no final, no capítulo da conclusão, em que o autor fala sobre o que ele passa a chamar “identificação dual-porosa”: “A identificação dual-porosa ultrapassa a comunicação representacional, colocando as pessoas em contato vibracional, pulsional, energético, umas com as outras e com o ambiente.” Parece-me que essa forma de comunicação, que ele identifica como sendo característica do borderline, tem relação com o saber-do-corpo elaborado por Suely Rolnik, em seu acesso direto ao campo das forças.

Já a primeira referência à palavra “borderline” me veio de um território mais prazeroso de ser frequentado: a poesia. Por culpa do poeta Wally Salomão, passei a achar a palavra uma qualidade, um “grande barato” (e se não fosse isso uma dissertação de mestrado, caberia aqui uma gargalhada pela ignorância da gafe). Foi no documentário que o cineasta Carlos Nader fez de Wally Salomão – “Pan-Cinema Permanente”, filme que fornece uma infinidade de camadas a serem destrinchadas pelos seus comentadores, devido à complexidade da personagem

³³ ARMONY, Nahman. *Borderline – uma outra normalidade*. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2010.

documentada em sua relação com o documentarista e com a câmera. A certa altura, o poeta-performer se afirma “um borderline”, entendendo por isso “um ser de fronteira”, alguém capaz de muitas conexões.

O filme é feito de vários percursos. Num deles, dentro do avião, viajando rumo à fronteira norte do Brasil, Wally Salomão abandona seu jornal, vira-se para a câmera e diz, após anunciar o destino: “Quem está falando é um borderline, alguém fronteiro, alguém que não se sabe direito onde termina a lucidez e começa a loucura.” Mas a “loucura” a que ele se refere é, certamente, a mesma referida por Daniel Lins em sua participação no Café Filosófico: uma “loucura não psiquiátrica”.

A próxima cena compõe a antologia de grandes momentos do poeta: Wally Salomão está dentro de uma kombi que segue por uma estrada de terra cortada em meio à floresta. Ele segue falando “loucuras” com a passageira a seu lado, que ele acaba de conhecer. A kombi para junto a uma placa. Wally desce com a passageira recém-conhecida, vai até a placa e diz, solenemente: “Aqui é o ponto que separa o hemisfério norte do hemisfério sul.” E diz para a mulher: “Fala!” E ela, desnorteada com aquele homem que de repente a envolve no filme, diz que não tem nada a dizer, entre risos. Ele queria que ela falasse da emoção de estar diante da placa demarcatória da linha do Equador.

Na próxima cena, Wally declama um de seus poemas, enquanto se banha num rio: “Nasci sob um teto sossegado/ Meu sonho era um pequenino sonho meu/ Na ciência dos cuidados fui treinado/ Agora, entre o meu ser e o ser alheio, a linha de fronteira se rompeu”. Em comentário sobre o poema do amigo, Antônio Cícero diz que se trata da expressão do desejo de Wally: “As linhas de fronteira que ele queria ver rompidas são as que separam a personalidade dele da dos outros, a vida cotidiana e o teatro, a realidade e o cinema. Aliás, ele queria ver rompida não só na arte, mas na própria vida.” A questão da relação vida e arte, que tão fortemente tocou os tropicalistas e os chamados “poetas marginais”, fez-se presente dessa forma em Wally Salomão.

Noutro momento ele conta como, logo após se formar em Direito na Bahia, como sonhava a mãe viúva, ele sequer pega o “canudo”. Segue pro Rio de Janeiro “sem nada, nada mesmo” – provavelmente com alguns pontinhos do rizoma de “novos baianos” já ativados, como sugerem as imagens que vão surgindo no filme –, e prossegue comentando aquela fase da sua vida: “Você tinha que se remodelar como identidade, pra se reconstruir.” Segundo o amigo

Cícero, a possibilidade de “se fazer no mundo”, de “construir seu próprio personagem”, foi muito importante para o poeta. “Eu não conheço ninguém que tenha vivido isso tão intensamente quanto o Wally”, conclui.

Wally Salomão conta, também, que desde garoto desejava ser escritor, mas sempre se achava inadequado para a tarefa. Para que a escrita acontecesse, foi necessário “descer ao inferno”: no início dos anos 70, ele foi apanhado com uma pequena porção de fumo numa blitz na avenida São Luiz, em São Paulo. Em seu relato, ele diz:

“E nessa prisão, nessa casa de detenção que é o famigerado Carandiru, eu fiz um texto chamado “Apontamentos do Pav. 2”. Então, o fato de eu ter sido encarcerado, ver o sol quadrado, aquilo foi uma concentração até espacial do meu desejo, e eu consegui fazer o meu primeiro texto, consegui jorrar daqui de dentro. Quer dizer: o que é prisão virou liberação de forças.”³⁴

Depois que saiu, mostrou seu texto para muitos amigos. Hélio Oiticica valorizou e preparou a primeira edição de “Apontamentos do PAV 2”. E a partir de então, seguiu com sua arte, considerando que naquele momento isso significava, também, “criar condições de produção, e ao mesmo tempo se produzir a si mesmo.”

De volta à auto-definição de “borderline” que Wally aplica a si mesmo, acreditamos tratar-se mais da expressão de um desejo de conexão, como disse Antônio Cícero. Afinal, ele se defendia como ninguém: defendia-se nas máscaras, dizia que “é mascarado que se vai adiante”. Apesar de companheiros e familiares dizerem que se tratava de “representação”, de “teatro”, não parece se tratar disso, e sim de uma forma bastante intensa de habitar o mundo e se relacionar com a vida.

Então, pensamos que devemos considerar, aqui, a diferença entre teatro e performance. O poeta parece ter fabricado seu próprio corpo sem órgãos, um corpo sem órgãos feito de poesia, uma poesia nômade, jorrada. De fato ele atravessa muitas fronteiras, mas isso não constitui problema, e sim uma forma de estar no mundo. Seria essa forma justamente seu território existencial, seu plano de consistência. O que muitos consideravam “teatralidade” surge, nas palavras do artista, como “capacidade de aderência completa ao momento, minuto, segundo.”

³⁴ O texto *Apontamentos do PAV 2* compõe a coletânea editada pela Companhia das Letras, *Poesia total*, com toda a obra de Wally Salomão, lançada em 2014.



RELATÓRIO ATMOSFÉRICO
 DE PESQUISA REALIZADA
 EM AMBIENTE DE
 ENCONTROS INTENSIVOS

NOVE
 contos
 ou o
 que se
 passou
 passou
 que se
 ou o
 contos
 NOVE





3. nove contos ou o que se passou

Relatório atmosférico de pesquisa realizada
em ambiente de encontros intensivos

Os corpos de que falamos nascem de processos longos. Temos notícias de seus pesos, de seus sintomas, na trilha que segue de Nietzsche a Deleuze, passando por Foucault.

Aqui nos ateremos a observar o quanto nossos modos de existência se encontram modulados por determinados parâmetros de valoração que bloqueiam outros saberes que não aquele proveniente da forma de conhecimento valorizada em nossa sociedade: aquela que nos dá a chave para responder aos estímulos.

Nesta primeira fabulação, apresentamos uma personagem bastante informe ainda. Por isso ela ficará sem nome. Ela se encontra num ambiente que, digamos, parecia superado, construído sobre rígidos valores tradicionais – e que parece ter ressurgido no Brasil mais recente.

FALA

Orides Fontela

*Tudo
será difícil de dizer:
a palavra real
nunca é suave.*

*Tudo será duro:
luz impiedosa
excessiva vivência
consciência demais do ser.*

*Tudo será
capaz de ferir. Será
agressivamente real.
Tão real que nos despedaça.*

*Não há piedade nos signos
e nem no amor: o ser
é excessivamente lúcido
e a palavra é densa e nos fere.*

(Toda palavra é crueldade.)

Relatório
atmosférico
de pesquisa
realizada em
ambiente de
encontros
intensivos

Formações rochosas

O silêncio era compatível com o concreto armado. O ar tinha solidez paquidérmica. Todos os objetos estavam engessados em seus devidos lugares. Pessoas empalhadas se locomoviam entre a cozinha e a TV mecanicamente. A aspereza circulava solta, enquanto a imaginação se manifestava entre as frestas, mas logo era neutralizada pelo poderoso anestésico novela-das-oito. Tudo com consistência de terra seca. De tão imóvel, já era um clássico.

Ninguém se lembrava do começo do silêncio. E de como se impôs, a ponto de virar autoridade. Sua lei era simples, e valia para todos os cômodos: falar apenas o necessário. “Está se lembrando do dia do médico?”, “Já resolveu o problema do vazamento na cozinha?”, “Tem que levar o carro pra oficina”. Em tempos de recessão, economizavam-se também palavras. Qualquer desperdício poderia ser muito perigoso.

Ninguém ligava para a falta de ar. A asfixia era considerada estado natural, inevitável e medianamente suportável. Seguro. Ninguém notava a quantidade de energia despendida na manutenção da estrutura. Uma energia que poderia ser utilizada para gerar outras formas, dar existência a outros sons. Mas todos estavam decididos a não falar. Não sair dali. Manterem-se dentro dos limites daqueles muros. Dentro dos limites daquelas palavras. Plim-plim: hora de ir ao banheiro. Tudo sob controle.

Falas estranhas eram consideradas invasão de domicílio. Quando acontecia, o silêncio ganhava espessura e empurrava a voz inoportuna para o buraco negro das palavras que não interessam. O índice da indiferença crescia sem parar. Os ouvidos prefeririam estar surdos para não serem incomodados. Estava tudo dito naqueles olhos foscos.

*Se existia hora errada, era aquela
se existia palavra errada, foi dita*

*se existia lugar errado
nenhum outro mais que aquele*

se existia a pessoa errada

era eu

Intemperismo

Um dia suspeitou do silêncio, de como ele se formava. Foi quando descobriu a língua trovejante. Sim, o silêncio tinha qualquer coisa a ver com a língua trovejante e suas faíscas precipitadas, impulsivas, desastradas, que plantavam perplexidade no ambiente.

Como estava em geral só, restava-lhe observar a cena. A cada dia refinava um pouco mais a observação. Sentia-se já aparentada com os pássaros, aqueles que voavam agitadamente antes de uma tempestade, quando tudo ainda parecia absolutamente tranquilo. Vislumbrava o silêncio em sua fabricação de trovoadas. Só não conseguiu prever que a tempestade a frequentaria também, instalaria-se em sua boca, pois a situação era tal que se tornava inevitável pegar clima de ilha.

Viu então o não dito que se acumulava, tudo o que se tinha vontade de dizer mas não se dizia, pois poderia ser muito perigoso. Além disso, de certo ineficiente, de nada adiantaria, ela era aquilo que era. Nasceria e morreria daquele jeito, pois a vida é assim. Era uma fatalidade. Uma fatalidadezinha, quase uma fantasia, quase um capricho, perto dos terremotos de todos os dias. “Você deveria dar graças a deus”.

Talvez tudo resultasse simplesmente da incompatibilidade dos materiais. Instabilidade, agitação e angústia frequentavam a língua trovejante em que se tornara, enquanto os ouvidos refratários passaram a defender-se ainda mais, revestindo-se de silício. Com isso a superfície de contato desapareceu, e ficou a falar sozinha. Ouvidos moucos e cansados respondiam com uma única frase: “Vamos por uma pedra neste assunto.”

Língua trovejante, no entanto, insistia, pois insistir era um de seus erros recorrentes. Insistia em ser ouvida, nem que fosse um eco vazio. Da insistência resultavam os excessos, os deslizamentos de encosta catapum, a situação-limite. Uma vez, numa dessas situações, disseram-lhe que tinham esperanças numa acomodação, que um dia tudo se acomodasse.

Achou a palavra maravilhosa, na distância de anos-luz entre seu significado e a sua situação. Guardou-a para si. “Acomodar-se” era tudo que não desejava. E mesmo que desejasse, não conseguiria. Se por fora parecia água parada, por

dentro era uma espécie de solo tropical resultante de muito intemperismo: tudo desagregado e poroso, prestes a desmoronar a qualquer momento, mas jamais a tranquilidade tediosa de alguém acomodado.

Nessas horas, raras horas em que finalmente conseguia arrancar alguma fala do ambiente para além das frases prontas, é que entendia alguma coisa. Pois o silêncio, aquele silêncio do qual o ambiente se revestia, era como esfinge a ser decifrada, e quanto maior sua dimensão, mais transtornada a cabeça daqueles que precisam de palavras. Por isso seguiu agradecendo por todo o esclarecimento contido em uma mísera palavrinha.

Aqui tudo tem medidas.
Encontre o tamanho da sua angústias
Apare os excessos
Para não incomodar as angústias alheias
Não importa que tenha sentimentos horríveis
Só importa saber apará-los.

Movimentos tectônicos

Tinha que fazer um esforço para compreender que se tratava de um ambiente antigo, já trabalhado por movimentos tectônicos de grande porte. Levantes de mar e grandes deslocamentos de terra haviam deixado alguns traumas, e tudo o que se desejava era mesmo um pouco de estabilidade. Por isso tantas represas, tantos mecanismos de contenção.

Isso considerado, passou então a tentar atingir a esperada acomodação. O problema é que tudo tem um custo, tudo exige movimento, até mesmo a acomodação. Acomodar-se implicava antes em movimentos ainda desconhecidos, para os quais não tinha nenhuma destreza. Alguns acontecem suavemente em camadas profundas, sem serem percebidos. Outros acabam por importunar, já que acontecem à flor da pele, como uma erupção vulcânica.

Vivia assim, entre espasmos. Inúmeras vezes o transtorno vencia a tonta tentativa de acomodação, causando um mal-estar que durava dias. Nessas horas todos se esforçavam por tolerar o máximo possível. Era um esforço imenso e generoso, no entanto sem resultado, pois a criatura incomodante não aceitava a tolerância apenas. Fazia exigências inteiramente fora da realidade, exigências fora de hora e lugar. “Vive cheia de vontades.”

Era uma ferida aberta que não aceitava qualquer esparadrapo. Lutava contra a tolerância por sentir-se absorvida, capturada. Como o silêncio, a tolerância era entendida como arma de neutralização, esvaziava algo que fazia falta. Sentia-se como uma samambaia nascendo em meio a um muro de pedras, uma vida que precisava de esforço para acontecer, apesar da aparente tranquilidade que reinava ao redor. Uma espécie de facilidade difícil, um dos paradoxos com que precisava lidar.

*Dói toda vez que sinto
o zero se aproximando
me esforço para ficar
ao menos pela metade*

Contenção

Como a acomodação não acontecia, a saída passou a ser a contenção. Praticava um exercício que consistia em inventar empecilhos para si, impedindo-se de incorrer nos excessos de que mais gostava: excesso de curiosidade, excesso de movimento. Alegria em excesso também era coisa complicada, pois os motivos que a levavam a alegrar-se eram sempre temerários. Abraçou a solução dos corpos curtidos nas intempéries, corpos moídos. “O único jeito”, disseram-lhe, “é vestir uma armadura.”

Aquela altura já havia se convencido de que sim, era necessário. Algo errado estava mesmo acontecendo, faltava uma defesa, uma película protetora, algo que demarcasse bem as fronteiras, impedindo a invasão de cargas externas com tanta frequência. Conter-se era sinônimo de proteger-se. O resultado, prometiam, seria excelente: poderia enfim produzir, se encaixar nos parâmetros de eficácia, de eficiência, aquelas coisas todas. Bastava que não perdesse tanto tempo olhando para os lados.

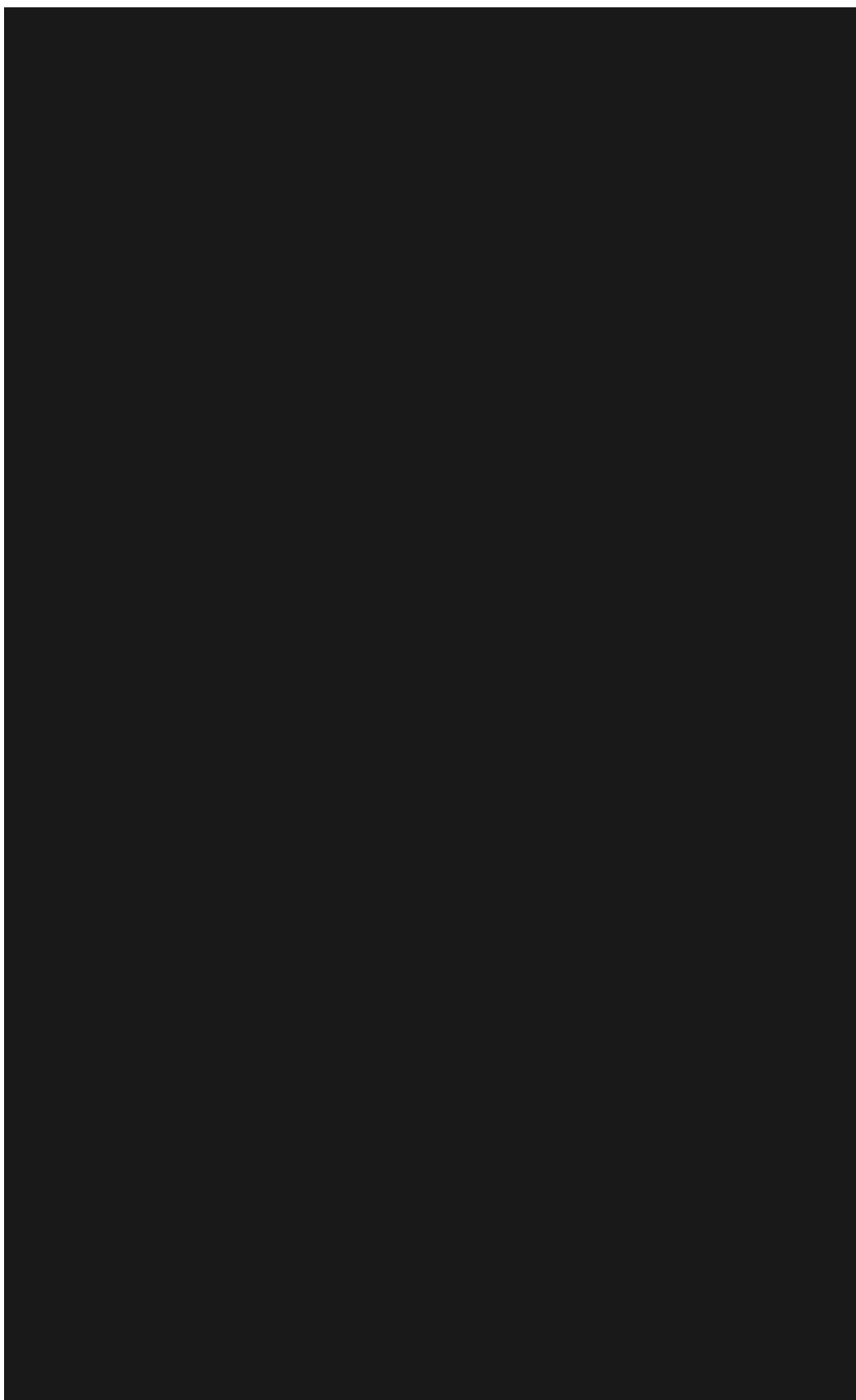
Ninguém entendia, mas a capacidade de olhar para os lados era sua melhor parte. Não se tratava do olhar que mede, avalia, compara, se regozija ou se entristece na comparação. No passeio pelo entorno encontrava uma dose de algo comum pulsando, algo que era de todos. Participar disso era uma alegria.

Com o tempo percebeu que, se sua alegria era vista com reservas na circunferência próxima, por se tornar motivo de cuidados – afinal era tudo muito perigoso –, essa mesma alegria às vezes se tornava causa de tristeza em circunferências mais amplas. Bastava que algo se acendesse, mesmo uma luzinha de nada já era suficiente. Resolveu então minguar para não incomodar. Não conhecia defesas contra olhos tristes.

Como essa escolha por minguar tinha tudo a ver com a necessidade de se conter, deu tudo certo. Passou a olhar mais para o chão, e finalmente entendeu que aquela alegria não existia, era mesmo delírio da sua cabeça. Com isso deixou todo mundo feliz, não incomodou mais. Ainda não havia conhecido Nietzsche, caminhava com o peso do cadáver de Deus e de Marx, uma desgraça tremenda. Enquanto outros festejavam alegremente a morte de ambos, ela se esfolava com cruces e foices. Que ridículo.

Seguiu assim, fingiu que seguia assim, mas com tudo guardado no corpo. Corpo que vivia adoecendo, doenças malucas sem mais nem menos, afinal a cerca que havia construído não era perfeita. Deixava entrevisto que nalgum lugar muito além das categorias, das ideologias, dos “ismos” de todo tipo havia um espaço comum de se alegrar.

Às vezes pensava numa certa aldeia, numa certa vila, numa certa gente. Um outro jeito de viver deveria ser possível. Não poderíamos deter a única forma de habitação desse planeta, não é possível tamanha miséria existencial. Talvez um lugar assim seja coisa de louco e não exista mesmo. Ou quem sabe, talvez exista no seio de algum povo escondido. Essa história abriu-lhe a face novamente. O mundo já tinha feito seus estragos, seguia funcionando, mas a cerca era sempre passível de ser rompida nalgum ponto.



*A falta de lugar
ocupa todos os cantos
o não-estar estando viva
é a causa do meu espanto*

Ventanias

Se durante o dia os mecanismos de contenção funcionavam de forma satisfatória, à noite a desestabilização era uma constante. Ainda mais quando chegavam os ventos do sul, as grandes ventanias. Pois aquela noite era exatamente assim: caminhava para o desastre, como de costume. A inquietação já tinha chegado, acompanhada de pensamentos insistentes. Chegava com o vento, provocando calafrios com suas verdades.

Na maior parte do tempo, deixava-se embalar pelo torpor, numa espécie de esquecimento. Mas de vez em quando a lucidez dominava – a lucidez e seu rigor cruel, com sua caixa de alfinetes sempre pronta para o trabalho. Palavras eram lançadas como mísseis para explodir o que ainda restava de segurança. A frase que jamais deveria ser dita já ecoava no ambiente. Não adiantava utilizar o velho artifício de se esconder atrás das gargalhadas e empurrar com álcool o resto da noite: o pavio estava aceso e corria veloz, o desastre era inevitável.

De novo o erro, a mania de querer conversar quando a inquietação se instala. Mas onde já se viu, quanto destempero, mais parecia uma panela de pressão com a válvula danificada, falar aos outros aquilo que não se fala nem a si mesma. A experiência era conhecida, restava entender por que se repetia tão exaustivamente. Talvez fosse a dificuldade de sempre, a sua dificuldade de ser assimilada no ambiente. Mas que droga de lugar, em que as pessoas passam a maior parte do tempo fugindo ou se defendendo. Quanta fraqueza nessas armaduras, meu zeus. E quanta falta de estratégia em lidar com elas. Parecia ter chegado ao ponto do não retorno, do leite derramado. Havia incomodado as pedras, e com isso poderia ganhar algo: mais algumas frases esclarecedoras.

As frases vieram. Nem vale a pena dizê-las, não são boas de se repetir. Basta dizer que delas tirou algum aprendizado. Entendeu que sofria basicamente de uma excessiva vontade de integridade – nada a ver com o sentido moral dessa tão pomposa palavra, e sim no sentido literal mesmo, de algo inteiriço. Vontade de se sentir existindo plenamente. Mas havia uma incapacidade para receber o golpe, neutralizá-lo e guardá-lo na gaveta certa. Ela concordava. Precisava mesmo disso, de discernir os golpes, deixar que alguns entrassem e saíssem sem gastar energia combatendo-os.

No entanto, por outro lado, pensava o quanto qualquer mínima ação e reação fora do esquadro eram consideradas um tsunami naquele ambiente excessivamente controlado. Não poderia jamais comentar sobre o golpe, nem mesmo a piada era permitida. Tinha que engoli-lo calada.

Pois a ADVT – Autoridade Detentora da Verdade Total – fez-lhe esses esclarecimentos e foi cuidar das suas guerras, coisa que cuidava bem. Deixou-a ali, em seu lugar de PPCEV – Pessoa Problema Carente de Estratégias para a Vida. E PPCEV ficou ali, vivendo mais um terremoto íntimo. Era preciso tomar uma providência. Algum remédio haveria de existir, algo assim. Pensaria no caso.

*Perigoso mesmo
é quando se começa a achar normal
aquela cara
aquela fala
funcionando sincronizadas com aquele gesto
lucidez mesmo
é procurar a porta de saída*

Lagos, poços e outras fontes

Não deu certo a estratégia da contenção. A ventania trouxe a chuva, a chuva causou o deslizamento, o deslizamento deixou tudo em estado de terra desolada. Passou a tentar a deriva. Ao invés de palavras e tempos, buscava imagens e espaços. Quando o silêncio deixava de ser problema e os ouvidos nele se apaziguavam, passava a se ocupar inteiramente do que podiam os olhos. Surgiam então criaturas curiosas, era só prestar atenção. Aquele rapaz era uma delas.

Ele era um cara comum, um genérico, um a mais na fila do ônibus. Passaria despercebido em qualquer aeroporto, não fosse aquela intensidade constrangedora que operava sem o seu controle. Tudo culpa daquele seu olhar, olhar de estrangeiro: excessivo. Olhava com gula para tudo à sua volta, tudo era digno de contemplação, não dispensava nem posto de gasolina. Um dia foi quase preso de tanto olhar para a câmera do supermercado. Não sabia do perigo de olhar assim, tão diretamente. Começou então a olhar de viés para não se arriscar. Passou a usar óculos escuros, o que aumentou a sua voracidade em recolher imagens. Tinha ficado invisível, como se olhasse pelo buraco da fechadura.

No começo era como um jogo, não dava muito crédito ao que via: a palavra ainda era capaz de turvar sua visão. Depois passou a mergulhar nas imagens, afogar-se no que estava vendo. Foi terrível: percebeu o quanto estava próximo de suas fronteiras. Habitava uma solidão sem tréguas, ninguém com quem trocar uma palavra sobre tanta imagem. Olhares à sua volta o acusavam de vários diagnósticos ameaçadores. Foi então que a encontrou, fez uma amiga.

Ambos se especializaram em ver olhares, deixar-se atravessar por suas imagens-lanças. Entregavam-se, ao mesmo tempo em que prosseguiam com o que parecia ser uma insólita pesquisa de campo participativa. Passaram a dissecá-los em silêncio. Como um médico-legista, desintegravam olhares para descobrir neles sentimentos, impulsos, motores. Descobriram que as retinas são como poços d'água, cada um com suas características próprias: alguns rasos e secos, como velhos acidentes geográficos do sertão, outros com profundidades inacessíveis e águas escuras, como um relevo que acaba de sofrer grandes convulsões,

outros ainda com o viço do novo, neles só se lê “novo, novo, novo”, outros cheios de antigas imagens não digeridas, por isso tensos, enfermos, tristes. Pedras ao fundo das pupilas.

Implicaram-se na operação, não se pouparam, arriscaram-se a se olhar sem filtros, sem cuidados, sem nada ocultar. Mergulharam em tudo o que enxergaram, encararam o caos, estiveram por um fio. Para depois organizarem tudo de novo, mas diferente. Quando fecharam os olhos, estava tudo visto. Voltaram então ao começo, cada um de novo todo ouvidos.

Já foi areia à beira da praia

*Já foi areia à beira da praia
só recebendo*

*ondas quebravam espalhavam revolviam
aos frangalhos a devolviam*

*já foi pedra entregue ao tempo
cristalizando o olhar para dentro*

*extrema concentração dos sentidos
existindo lento*

*sua pele busca agora
um novo nascimento*

*que receba tantas ondas
mas à prova de tormentos*

*que concentre seus cristais
mas dando passagem ao vento*

*que se esbalde nas fronteiras
mas conhecendo seu centro*

*sua pele busca agora
este novo nascimento*

Águas profundas

Faz parte de uma linhagem de gente sem descanso, por carregar em si o maior cansaço. Gente sempre metida em guerras internas, como se já não bastassem as guerras desse mundo. Camadas grossas de crises sobrepostas, sertões de horizontes que nada prometem. Uma antiguidade.

Durante a última batalha, sentiu a mente trepidar, neurônios baterem em retirada. Conseguiu segurar o dragão. Ele galopava em sua direção, mas seu ataque não era de fogo: o dragão sempre vem pela água. Ao invés de incêndios, maremotos. Pensamentos trôpegos trombam uns nos outros, em luta para não se afogar. Uma experiência.

Quantos momentos frequentando margens, visitando precipícios, habitando o lugar nenhum da interseção, chegando à última fronteira da razão, às bordas do acontecimento. Quantos momentos assim, intensos e silenciosos. Conhece bem esse lugar, e parece mesmo que gosta de estar aí. Gosta de ocupar essa encruzilhada. Evita conclusões, abre mão da escolha, mantém-se na dúvida – como se a dúvida garantisse a passagem para todos os lugares: a relação com todas as pessoas: um tanto de cada vida.

Tornou-se um animal mutante, já não se reconhece. Perdeu as chaves da sua cabeça, e um pensamento selvagem agora anda solto pela casa. De tudo sobrou muito pouco. A tempestade foi devastadora, mas levou consigo os entulhos, mudou tudo de lugar. O jogo começa de novo, e com ele uma nova chance. Uma nova intensidade.

*Hoje
ainda mais que ontem
que antes
que sempre
sou a exata medida
da insuficiência*

*construção inacabada
quebras rasgos estragos*

*conversas interrompidas
cacos sobras abismos*

*promessas nunca cumpridas
tudo um ponto de partida*



Lençóis freáticos

Conversas pontuadas por silêncios constrangidos, olhares escorregadios, maliciosas evasivas. O ambiente não estava para amadores. Opacidade e indiferença no comando das operações. Era preciso inventar uma estratégia.

Foi então que decidiu fingir. Achou de se tornar alguma coisa legível. Uma recursos humanos, uma qualidade-total, uma profissional de confiança. Garantir a plaquinha com retrato no quadro de avisos da firma no fim do mês. Fazer tudo certo. De fingimento consistia a sua fuga. Fingia que estava ouvindo. Que estava entendendo. Que estava de acordo. Que estava presente. Sim senhor, pois não, senhor, mas é um prazer, senhor, disponha, senhor. Enquanto soltava as frases certas, estava livre para evadir-se em outras direções, frequentar novos feixes de pensamentos, arriscar novas rotas.

Surgiu daí um lugar novo, morada de tudo o que fosse considerado desconfortável, incômodo, ingênuo, patético. Mínimo. Existências indesejáveis, desequilíbrios no sistema. Imperfeições, erros, defeitos de fabricação de toda ordem. Restos. Tudo isso era bem vindo e podia existir naquele espaço. Não sabia se a estratégia tinha fôlego longo, mas bastava para o momento. Nenhum problema na recusa do outro em ouvi-la: não estava mais interessada. Armada de silêncio, atravessou o vozerio impunemente. Para desaguar em texto.



Segredo de uma escrita VII

Na cidade de São Carlos, soube de um gato que, ao roçar os olhos numa planta, curou-se de uma enfermidade. Igualmente doente, andei por mais de trezentas cidades roçando-me em tudo e tocando em todos: misturei-me com planta, homem, bicho, mulher, criança, pedra, e não achei remédio. Soube então que a duração da vida é um assombro de exílio e, nesse dia, amiguei-me do poema.

(Juliano Garcia Pessanha – *Ignorância do Sempre*, p. 55)

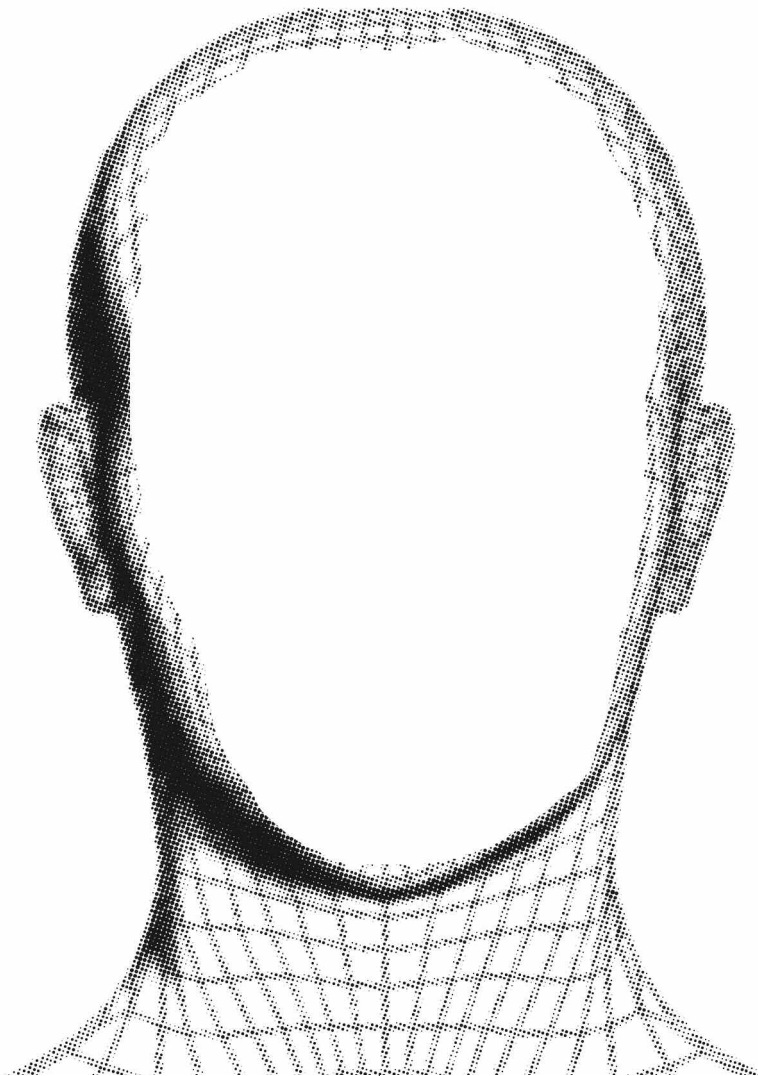
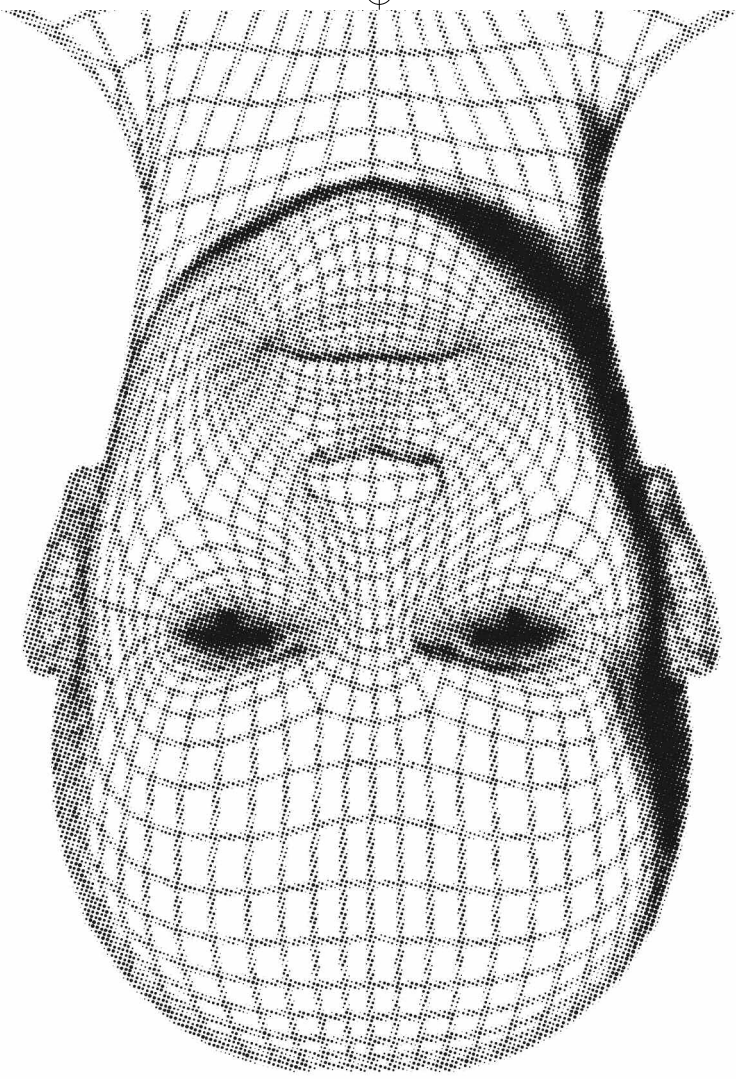


CORPORES

aproximações

e PROBLEMA DOS CORPOS II





4. aproximações

O problema dos corpos II

*todas as palavras já foram ditas
todas as imagens já foram feitas
foram tentados todos os efeitos
e inventados todos os improvisos*

*e depois de desfeitos todos os sentidos
ficaremos sem as cenas dos próximos capítulos*

*só nos resta mesmo reciclar escombros
simulacros lucrativos de um ferro-velho cult
ruínas de um parque de diversões*

*sem se render a ser mais um signo oco
azeite nas linhas de montagem
dessa tal modernidade*

haja recheio pra tanta embalagem

*("Poeminha cansado";
em Flagrantes do poço, 1997³⁵)*

Se os minicontos apresentados no capítulo anterior estão imersos numa atmosfera rarefeita, quando se respirava sempre menos oxigênio do que seria o ideal, agora nos banharemos em outro caldo de cultura: estamos nos anos 1990/2000, nas décadas seguintes ao final da ditadura militar brasileira.

³⁵ Neste capítulo a cartógrafa inseriu alguns poemas publicados na coleção Poesia Orbital, publicação alternativa e coletiva lançada em 1997, em Belo Horizonte; no entanto, os poemas sofreram alterações, e alguns ganharam títulos.

Não que tenha havido a intenção de localizar esses textos em momentos históricos exatos, fazendo deles ilustrações, estilos de épocas literais. Mas no caso dos minicontos do “Relatório atmosférico”, eles nasceram inspirados nas décadas de 1970 / 1980 no Brasil, antes do final da ditadura, quando o brasileiro médio carregava as travas implantadas por anos de repressão política sobreposta à tão familiar repressão de costumes. Tudo isso, esse medo introjetado a partir de várias fontes, resulta em restrições da capacidade de pensamento e expressão.

A redemocratização do Brasil coincide com o fortalecimento, a nível mundial, do neoliberalismo e seu *laissez-faire*, suas medidas de enxugamento do Estado e desregulamentação da economia³⁶. O governo imposto pelo golpe militar, que teve o suporte interessado dos Estados Unidos, saía de cena, mas num momento em que o comunismo, considerado a grande ameaça, entrava em crise. No entanto, a máquina de produção de subjetividade instalada no país não seria desmontada. Nesta altura é interessante ter em mente o conceito de “inconsciente colonial”, proposto por Suely Rolnik, segundo o qual a condição do Brasil Colônia, e todos os significados que essa condição implica sobre valores e modos de existência, nunca deixou de estar presente em nossa cultura.

Naquele início da década de 1990, se conseguíamos respirar um pouco mais de liberdade tanto em nível macro quanto micropolítico, por outro lado recebíamos os vetores da nova onda neoliberal que se instalava nos Estados Unidos e Europa, mas sempre com a ambição de se tornar hegemônica, regra para o chamado “Terceiro Mundo”. O capitalismo no Brasil se fortalece e se complexifica, investindo sobre o campo da cultura e da subjetividade, fazendo deles campos de produção inseridos no CMI (“Capitalismo Mundial Integrado”, termo de Félix Guattari), o que se expressava na valorização da publicidade como profissão de prestígio e no surgimento de estilos de vida *blasè* em relação à política. Esse contexto poderia ser sintetizado pelos conceitos de “pós-modernismo” e “capitalismo cognitivo”.

³⁶ Em artigo didático sobre o tema, o historiador Antonio Gasparetto Junior (mestre pela UFJF) explica que o termo “neoliberalismo” surgiu em 1938, cunhado pelo economista alemão Alexander Rüstow, mas que enquanto doutrina só ganharia força e visibilidade com o Consenso de Washington, em 1989, quando Margareth Thatcher e Ronald Reagan propuseram os procedimentos do neoliberalismo para todos os países, destacando que os investimentos nas áreas sociais deveriam ser direcionados para as empresas. Houve ainda uma série de recomendações especialmente dedicadas aos países pobres. (<http://www.infoescola.com/historia/neoliberalismo/>)

Qual o impacto deste ambiente sobre os corpos? Apesar da sensação de liberdade e do estímulo à criatividade, esses lugares são territórios saturados por linhas duras e estriamentos. Seus parâmetros de validação, a exigência de uma determinada performance em alta velocidade, acabam por restringir as qualidades afetivas em circulação apenas àquelas que servem para competir e render (em contraponto a “cooperar” e “fazer”), resultando numa atmosfera opaca onde os valores da eficácia se impõem sobre todas as outras possibilidades subjetivas.

Lidamos aqui com conceitos e questões muito amplas, e a dificuldade de realizar um recorte, de fechar o foco, realmente existe não só pela própria limitação de repertório da cartógrafa (que neste percurso tateia questões relacionadas à economia e à organização do trabalho), mas também pela proposta de realizar uma cartografia afetiva que atravessa uma geração. São limites inevitáveis. No entanto, tudo aqui é uma questão de contextualização, e não uma proposta de análise. Buscamos o esboço de uma cena, de um tempo/lugar de transição, para então partir para a questão dos afetos. Buscamos as formas por onde passaram a circular determinada qualidade de forças.

Vida capital

*Não, não queria ser assim
de carne e osso
queria ser androide cibernética
funcionando em alta velocidade
processando rapidamente todos os sinais
anulando no computador alegrias e tristezas
queria ter aquele olhar metálico impermeável
vacinado contra qualquer susto
queria achar o máximo tanta coisa que não me diz nada
não me importar com outras tantas que me atravessam como faca
e assim me deslocar convenientemente nessa guerrilha urbana*

(“Menos estrangeira no lugar que no momento”,
do livro *Flagrantes do poço*, 1997)

Consideremos, então, uma possibilidade de síntese para este momento: vamos falar de “vida capital”, expressão que nomeia o livro de Peter Pál Pelbart – *Vida capital – ensaios de biopolítica*, lançado em 2003. No prólogo sobre a produção que nos apresenta, Pelbart esclarece que

Vida capital parte dessa situação paradoxal, onde se confundem as linhas de dominação e de liberação, de controle e de escape, de comando e de resistência – de vida e de morte. Pois é inegável: nunca o capital penetrou tão fundo e tão longe no corpo e na alma das pessoas, nos seus gens e na sua inteligência, no seu psiquismo e no seu imaginário, no núcleo de sua vitalidade. Ao mesmo tempo, tal “vitalidade” tornou-se a fonte primordial de valor no capitalismo contemporâneo: a produção imaterial seria impensável sem a força de invenção disseminada por toda parte.

Peter Pelbart mantém-se atento também às linhas construtivas desse contexto. No entanto, esta cartografia tem fôlego limitado: buscamos contribuir apenas para a realização da primeira tarefa da esquizoanálise – a tarefa da desconstrução. Desconstrução de valores e modos de existência que já foram desmontados do ponto de vista da produção de sentido – da semiótica –, mas que parecem estar protegidos desses ataques em algum lugar inalcançável para as ferramentas cognitivas.

*estranhos tempos estes
quando a poesia só é suportada
se estiver acompanhada
multimediada
se tiver um fiador*

*melhor ainda escondida
atrás de um outdoor
ou de boca fechada
deitada em algum divã*

*em um mundo regado a prozac e cocaína
a poesia é o vexame a ruína
o ridículo a fraqueza a entrega
a incômoda inconveniente decadente palavra*

(“De tudo que fica não-dito no império das imagens”,
do livro *Flagrantes do poço*, 1997)

Mesmo com toda a transparência das suas sedutoras imagens, a atmosfera do capitalismo cognitivo é enevoadada, principalmente para quem vive mergulhado nela. Ou seja, quase todo mundo, pois se não se encontra mergulhado pela via do trabalho, encontra-se nessa atmosfera ao ler jornal, ao ver TV, ao navegar pela rede social (esta última, fenômeno recente que alterou a rotina e a forma de se relacionar em praticamente todo o mundo). Alguém proveniente de um outro lugar, de uma outra humanidade – um índio, por exemplo – poderia nos falar com muito mais lucidez sobre a questão.

Isso aconteceu durante uma exibição do documentário *Futuro Junho* (Maria Augusta Ramos, 2015), em que a cineasta compõe um retrato da cidade de São Paulo a partir da vida de quatro habitantes: um economista que analisa o mercado financeiro, um metalúrgico da Volkswagen, um motoboy e um metrorviário. O resultado é extremamente duro, com uma secura, uma agressividade, que dominam o cotidiano das personagens – a aridez do título desta cartografia. A certa altura, assistimos uma cena grotesca: um vendedor de túmulos tenta empurrar um “ótimo negócio” para a família do motoboy. A estratégia publicitária é a mesma da venda de qualquer outro produto: carro, empreendimentos imobiliários, cotas de clube.

Ao fim da sessão, que aconteceu durante o 18º. Festival do Filme Documentário e Etnográfico (dezembro de 2014), em Belo Horizonte, uma índia que estava na plateia, da equipe de outro filme exibido no mesmo dia na programação do “Vídeo nas aldeias”, foi convidada a compartilhar conosco as suas impressões. Ela, então, tenta sintetizar o que sentiu referindo-se à cena da venda de túmulos como “absurda”, “o absurdo em que o homem branco está mergulhado”, “a total desconexão com o significado da vida, da morte e da relação com a terra.” (Tentando, aqui, recuperar de memória o que ela falou.)

Limitação de afetos

*Olhos arregalados
pra não ser pega
de surpresa
pra não ser presa
de ninguém
garantindo a cesta
básica
e besta
do existir*

(“Bestagem de homem branco”,
do livro *Flagrantes do poço*, 1997)

Nesta altura do projeto, podemos arriscar uma afirmação a partir do caminho feito até aqui: a de que vivemos num ambiente tão estriado que acaba por resultar numa redução dos afetos. Parece que o ambiente do neoliberalismo e do capitalismo cognitivo – tendo em mente, ainda, os quatro personagens do documentário *Futuro Junho* e suas vidas robóticas, independente da sua situação financeira na escala social –, impõe à afetividade humana o que o agronegócio impõe às sementes *crioulas*: a maior parte delas vai para o museu, vira um elemento orgânico em extinção, para dar lugar apenas àquelas de alta performance, geneticamente alteradas para render o máximo possível.

Afetos restritos acabam por reduzir também a diversidade de que os corpos em circulação seriam capazes. Passamos a ser menos capazes de nos deixarmos afetar, ou de sustentar, alguns afetos, enquanto outros penetram nossos corpos com facilidade. Para isso, precisamos de mais blindagem em relação a ruídos que não interessam ao mercado. Como o mercado em questão é o cognitivo, portanto aquele que se baseia na inteligência e na criatividade, todos passamos por uma operação de estriamento que separa o que interessa e o que não interessa capturar do que pode ter restado dos nossos corpos-sem-órgãos. O movimento

é como o dos colonizadores sobre o corpo livre da terra, uma terra ainda não estriada. O colonizador chega faminto e quer ocupar todo e qualquer pedaço de chão. Toda e qualquer período de tempo.

O desafio desse ambiente reside no fato de se tratar de linhas duras disfarçadas de flexíveis. Nessa “terra das figuras”, como diria Juliano Pessanha, um aparelho inteligente de captura trabalha ininterruptamente. Esse aparelho tudo classifica, aprisiona, encaixota. Mostra suas garras quando é confrontado com um desejo que parece não contribuir para sua infinita reprodução.

Quando surge algum ruído fora da semiose de alta performance, em geral ele recebe como resposta o silêncio. Torna-se difícil para todos nós, mergulhados neste ambiente e com pouco tempo disponível para a escuta, parar para ouvi-lo. Como também torna-se difícil lidar com qualquer informação ou afeto que remeta a espaços fronteiros, pelo potencial de informações fora de registro que esses lugares oferecem. O encontro com o outro, com a singularidade, é intolerável. Além da questão estratégica de evitar o risco, há também um cansaço devido à saturação cognitiva em que todos estamos mergulhados. São condições que estimulam a blindagem.

Em outras palavras, a competência cognitiva é estimulada excessivamente em detrimento de outras competências, gerando rápidas estriagens sobre todo e qualquer assunto e limitando os afetos àqueles que servem à autodefesa. Temos assim subjetividades hiper-reativas atuando como se estivessem o tempo inteiro em campo, em quadra, num tabuleiro de xadrez.

Limitação dos seres a categorias

As categorizações sumárias, os carimbos que as pessoas rapidamente atribuem umas às outras, compõem o panorama redutor de afetos. “Mulher branca classe média-alta de meia idade” e “homem negro nordestino de classe média-baixa”, por exemplo, são frases que nada definem, mas cujas informações passam a definir tudo, numa redução de possibilidades que neutraliza a pessoa em questão. Se as categorizações são algo muito antigo, remetendo às formas de controle da burocracia, atualmente é como se a qualidade de categorizar tivesse sido exercitada ao extremo, com todos nós o tempo inteiro ocupando nossos

cérebros com essas operações: levantamento de algumas informações específicas, comparação a partir das mesmas, e categorização. Exercida sobre as pessoas em geral, torna-se uma modalidade de violência simbólica, uma espécie de desconsideração pela singularidade possível.

A expressão dessa forma categórica de ler o outro e a si mesmo foi levada ao limite no livro *Sexo*, de André Sant'Anna (1999), em que as personagens não têm nomes, mas se reduzem a figuras chapadas definidas por suas características, características essas que mais parecem saídas de uma propaganda de perfume ou de automóvel. Ao folheá-lo, ele parece de leitura insuportável, mas é estranhamente legível. A cartógrafa inspirou-se nesta produção para nomear algumas das personagens que apresenta no próximo capítulo. Segue aqui um trecho de *Sexo* – 143 páginas em que o autor sustenta essa mesma proposta:

Depois que saíram do elevador, o Executivo De Óculos RayBan e o Jovem Executivo De Gravata Vinho Com Listras Diagonais Alaranjadas foram até o restaurante japonês, no subsolo do shopping center, onde encontraram o Gerente De Marketing Da Multinacional Que Fabricava Camisinhas.

(...)

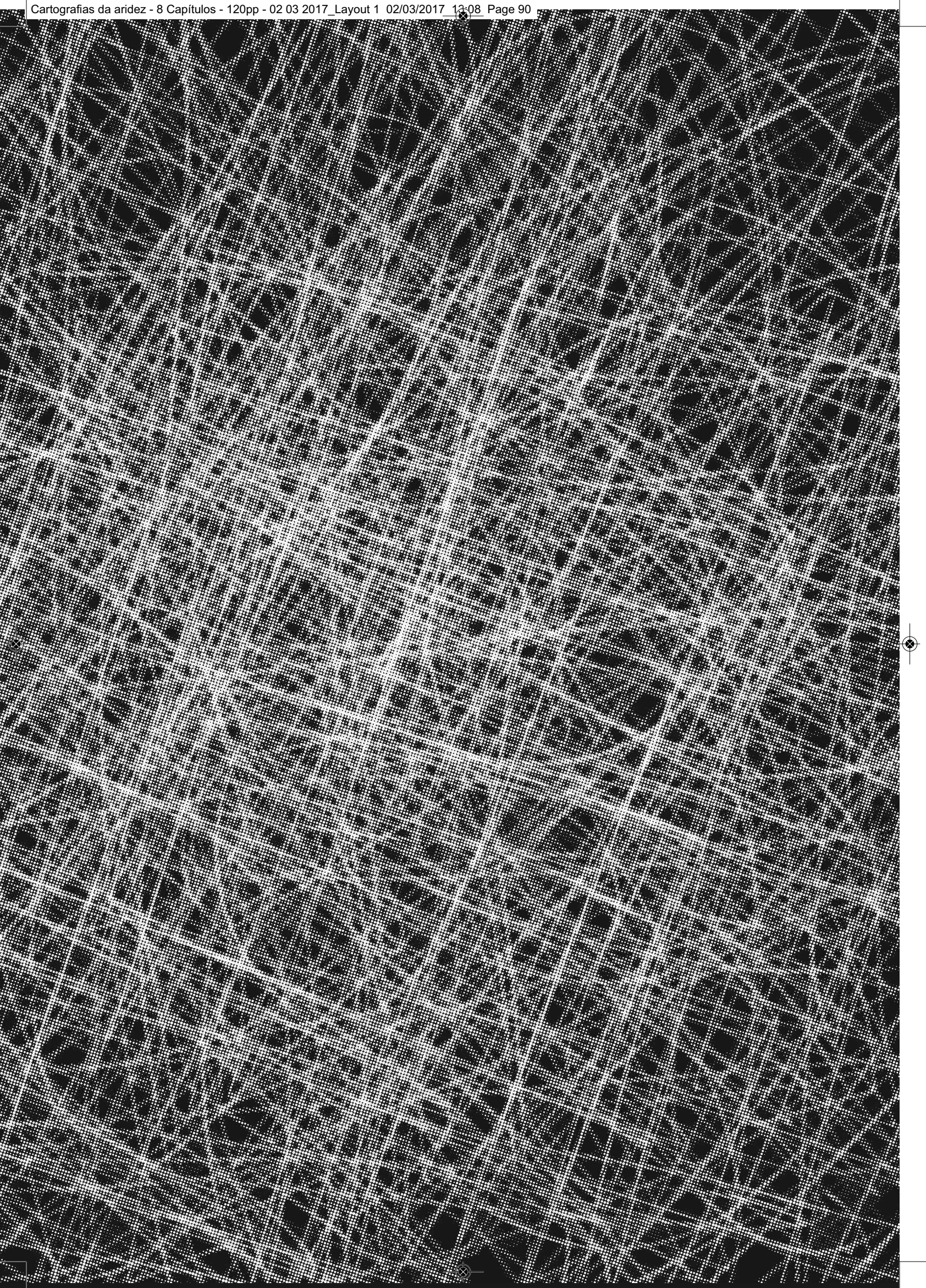
Durante o almoço de negócios, o Executivo De Óculos Ray-Ban, o Jovem Executivo De Gravata Vinho Com Listras Diagonais Alaranjadas e o Gerente De Marketing Da Multinacional Que Fabricava Camisinhas falaram de sexo, enquanto comiam sushis e sashimis. O Gerente De Marketing Da Multinacional Que Fabricava Camisinhas disse que adorou fazer sexo com uma secretária loura, bronzeada pelo sol, que tinha a boceta totalmente depilada. A secretária loura, bronzeada pelo sol, que tinha a boceta totalmente depilada, não era a Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, cuja bunda foi admirada pelo Executivo De Óculos Ray-Ban e pelo Jovem Executivo De Gravata Vinho Com Listras Diagonais Alaranjadas, no elevador do shopping center.

(...)

O Jovem Executivo de Gravata Vinho Com Listras Diagonais Alaranjadas amava sua Noiva Loura, Bronzeada pelo Sol. O Gerente de Marketing Da Multinacional Que Fabricava Camisinhas era branco e tinha a mesma idade que o Executivo De Óculos Ray-Ban.

Se estamos em tempos de categorizações sumárias, rápidas como a batida de um carimbo, a isso segue-se a condenação sumária. Todos corremos o risco de nos tornar um pouco paranoicos e hiper-reativos, imaginando que alguém possa nos colher no erro, esperando ouvir algo ofensivo, que venha a diminuir nossas potências. Corremos o risco, enfim, de nos tornarmos incapazes de perceber quando uma crítica é construtiva e quando não é, perdemos a capacidade de nos beneficiarmos da alteridade.





5. uma novela ou o que se passou

Microfísica – o argumento

A ideia desta cartografia era a de trabalhar em dois ambientes – um mais íntimo, outro do coletivo, estando ambos mergulhados no cotidiano –, percorrendo a temporalidade de uma geração, a geração de quem cartografa. Guardadas as imensas distâncias, poderíamos ouvir aqui o eco de um “romance de formação”, no entanto às avessas, uma vez que a escrita clínica é mais propícia à desconstrução. E mais que uma personagem, a ênfase se encontra nos ambientes e seu impacto sobre os corpos. O primeiro ambiente, mais íntimo, é o tema do conjunto de contos apresentado no terceiro capítulo. O segundo será agora apresentado, mas apenas como esboço de uma narrativa, ou mesmo como o argumento de um filme.

O fato de se tratar do ambiente contemporâneo do mundo do trabalho, no tempo/espaço em que estamos imersos, deixou tudo bem mais difícil. Tendemos a nos defender da questão – de olhar para os afetos que atravessam um lugar tão importante para todos, o lugar do trabalho. Podemos afirmar que atualmente, nos ambientes do capitalismo cognitivo de uma metrópole, é mais aceitável expor toda a intimidade de uma análise, ou de uma experiência sexual, a expor problemas referentes aos afetos que circulam em nossos corpos, enquanto corpos de produção capitalística. Afinal, isso nos fragiliza imensamente. Por isso, apresentaremos aqui só o esboço de um texto em produção.

A narrativa situa-se num escritório, um lugar qualquer de trabalho que reúne alguns cérebros dedicados a produzir algum “trabalho intelectual” para venda. A despeito de uma aparente gentileza e de um café açucarado demais, há uma espécie de secura do ar que impregna as relações. Não se trata apenas

do efeito do ar-condicionado, e sim da secura natural dos ambientes do capitalismo cognitivo, em que ninguém descansa do ringue, da quadra, do campo. Se há também a valorização da inteligência e da criatividade, essa valorização vem sempre acompanhada de constantes cálculos e medições – cálculos e medições sobre o quanto vale cada um.

Esse “estar em campo” não acontece apenas dentro da empresa – onde todos parecem ratinhos sendo testados num experimento. Submetido a tanta tensão, o ratinho carrega em seu corpo a adrenalina dessas situações. Nunca se livra dela, tornando-se reativo. Voltando ao que foi dito no capítulo anterior, esses são ambientes que proporcionam uma espécie de redução dos afetos em circulação. Por ali circulam em diferentes dosagens, dependendo das necessidades da empresa a cada momento, o receio, a irritação, a reatividade. Há também o sarcarmo, estratégia de sobrevivência de alguns.

Na narrativa em questão teremos três personagens principais – três corpos que sustentarão a circulação dos afetos, e também do poder, no cotidiano do trabalho. Com o objetivo de tornar as personagens chapadas, um pouco como acontece em *Sexo*, de Andre Sant’Anna, daremos a elas nomes emblemáticos: Milórgãos, Desordem e Fome. Há também Vim-pro-mundo-a-passeio e Coisa Pegajosa, personagens secundárias que completam o tabuleiro.

Milórgãos é a personagem que tem um lugar de poder mais estabelecido: é a chefe daquele departamento. Considera que faz parte de seu trabalho sondar, espionar, provocar, assediar os colaboradores, ao mesmo tempo em que pode ser também incrivelmente boa – e essa instabilidade é uma das formas de exercício do poder. Numa espécie de esporte, de vez em quando elege um dos colaboradores para ser seu adversário nalguma modalidade a ser medida. Seu nome é inspirado na expressão “corpo cheio de órgãos”. Ela é toda equipada, tem rolinhas, antenas, aparelhos de lançar chamas e de acoplar ventosas nos cérebros de suas subordinadas.

A personagem fora do esquadro chama-se Desordem, mas sua desordem não é logo percebida porque ela produz. Carrega afetos antigos como a culpa e o pudor: passava mal quando provocava algum mal-estar em alguém, portanto tornava-se presa fácil de manipulações de toda ordem. No decorrer da narrativa, Desordem adoece em contato com os maus afetos do ambiente. A porosidade

do seu corpo acaba sendo atravessada pela toxidade do lugar, gerando uma multiplicação de sensações e percepções que a levam a considerar insuportável coisas pequenas, sem importância nenhuma.

A terceira personagem, Fome, é a voracidade em pessoa. Por isso mesmo presta-se a vários jogos de manipulação ativados por Milórgãos. Faz qualquer negócio para obter o exercício de algum pequeno poder, o que a torna perigosa. Desordem tenta contornar a situação, mas sente-se sempre invadida pelas conversas atravessadas de Fome – que, como Milórgãos, tem na sondagem agressiva do ambiente uma de suas armas. Fome seria a “BBB” ideal, pronta para fazer qualquer coisa para atingir seus objetivos.

O escritório era um escritório pós-moderno – para o bem e para o mal. Do lado positivo, muita flexibilidade. Do lado negativo, muita “flexibilidade” – aquela em que o colaborador fica inteiramente à mercê. Mesmo que Desordem trabalhasse em casa, numa tentativa de dar um tempo do ambiente e das pessoas, suas ventosas não deixavam nunca de funcionar.

Em seguida, apresentamos alguns trechos desta escrita em processo:

Segunda-feira

Milórgãos vinha em minha direção. Com seus dez braços, suas garras, suas rodinhas, seu olho siderado. Podia me acessar – acessava sempre – virtualmente, mas às vezes precisava do contato olho-a-olho para receber os feedbacks positivos, mesmo que forçados. Afinal, Milórgãos ainda era um ser humano. Situava-se na esfera da humanidade oposta à minha – eu, Desordem, não tinha nem metade daquela eficácia, daquela eficiência, daquela ambição, daquele funcionamento de alta produtividade.

(...)

Quinta-feira

Naquela manhã tinha reunião com Coisa Pegajosa. Garantia de frisson no ambiente, pois Coisa Pegajosa sempre conseguia o que queria: seduzia Milórgãos com suas promessas grandiosas. Essa, por sua vez, encantoava as Fomes com seus prazos insanos, tirando tudo delas. Com todo esse movimento, ao menos Coisa Pegajosa dava às Fomes algo precioso: assunto. Depois de cada reunião, as Fomes

passavam dias e dias dissecando Coisa Pegajosa e suas armações. Era um prazer imenso para elas, precisavam daquele assunto para ter a quem xingar, afinal só Milórgãos e Vim-pro-mundo-a-passeio já estavam gastos.

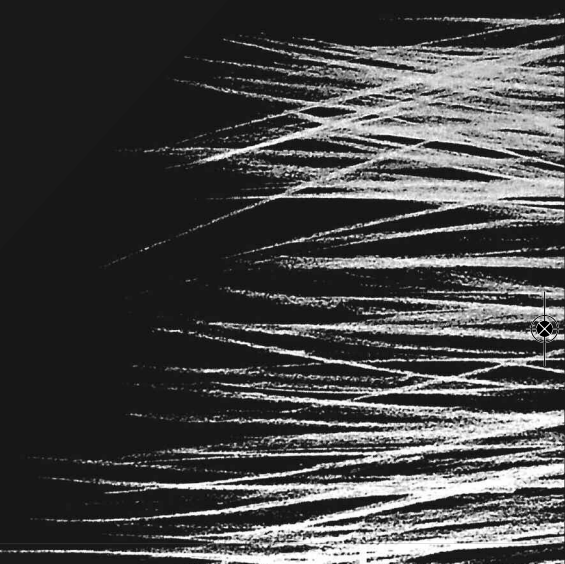
(...)

Sexta-feira

Todo santo dia era aquela enxurrada de e-mails. Dezenas, às vezes centenas. A maioria completamente idiota, só atrapalhava a concentração. Esse input incessante alcançava o máximo na sexta-feira. Neste dia Milórgãos caprichava, parecia ter um prazer maior em desovar milhares de terabytes nas caixas de entrada das colaboradoras. O bombardeio da sexta-feira tinha uma estratégia: manter ocupado o tubo e bem conectadas as ventosas durante todo o fim de semana. A cabeça de Desordem recebia as invasões e acabava dando saída para os conteúdos no domingo mesmo. Além de ser uma toupeira e acreditar em falsos prazos, a estratégia era mesmo forte. A cabeça ocupada durante anos com o mesmo assunto não consegue fazer output, daí se torna uma espécie de maquininha incapaz de parar a si mesma. Cadê o botãozinho liga/desliga?, pensava Desordem consigo mesma.



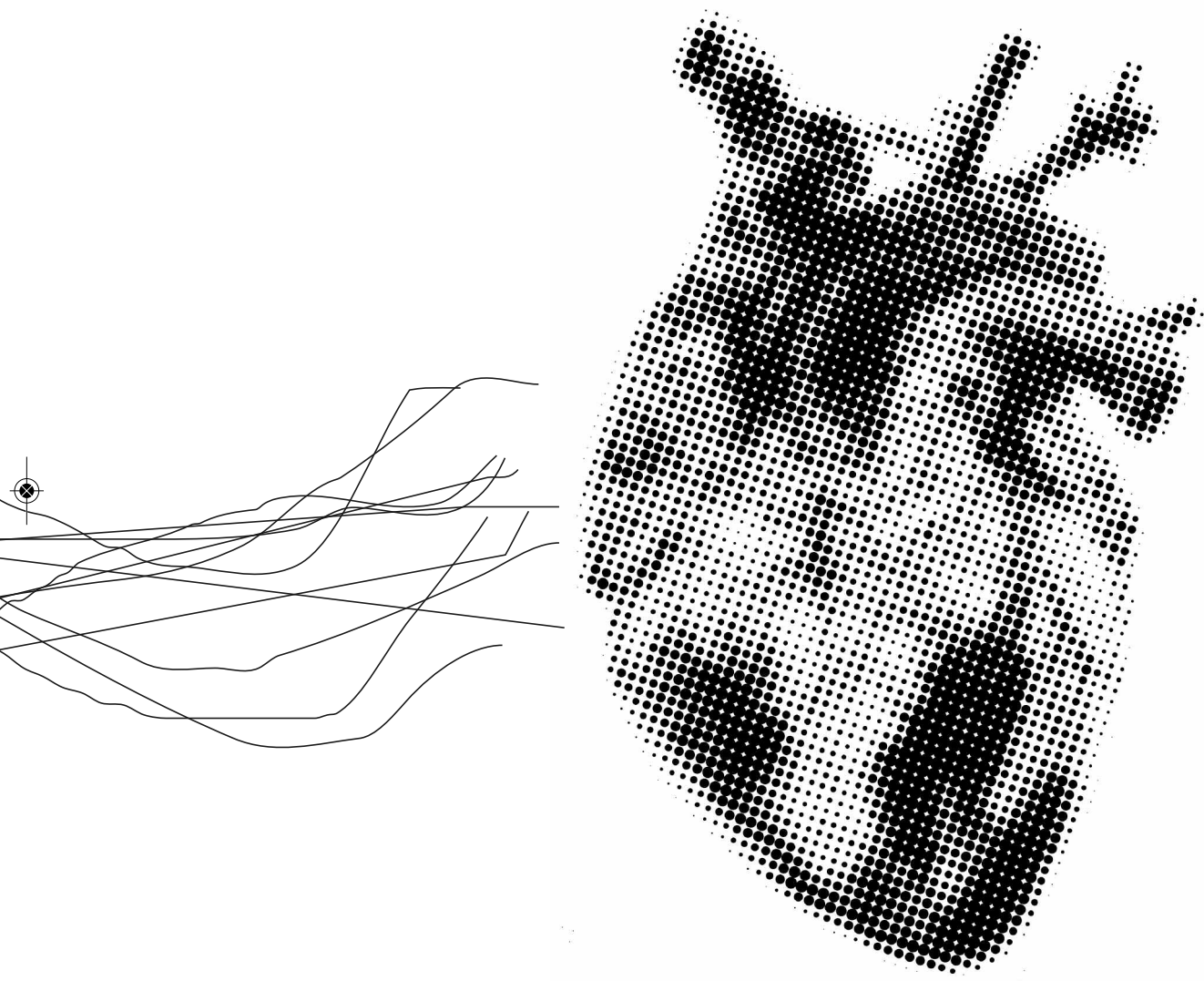




o texto
como

escrita clínica

o texto como pele



6. escrita clínica

O texto como pele

*Um par de
olhos blindados
(pálpebras de platina)
se corretamente usado
serve para evitar
arrepios (acometimentos)
(...)*

(Do livro *De passagem*,
Ronald Polito, 2001)

No experimento de escrita do capítulo 3, “ambiente de encontros intensivos” seria o próprio corpo da personagem em contato com seu entorno, experimentando essa faceta amplificadora da percepção. Um corpo ampliado que se confunde com o mundo, tornando-se um território de encontros intensivos por onde circulam os mais diversos afetos. Corpo esse que dá espaço para o “reconhecimento de coisas que não existem”, como comentado no primeiro capítulo. Poderia se chamar também de uma cartografia do invisível.

Como se trata de afirmar o saber do corpo, é importante que tudo esteja encarnado em corpos – corpos porosos, vibráteis; corpos blindados; corpos moídos, um corpo político acima de tudo; corpos sem órgãos e corpos cheios de órgãos. Outro elemento importante dessa escrita é a falta de lugar, o lugar nenhum, a desterritorialização. O “não fazer parte”, algo tão comum na vida de tantos escritores. Uma sensação de não fazer parte daquele mundo onde se aportou pode vir a gerar uma escrita-testemunho desse exílio. A escrita lança mão disso, do olhar estrangeiro, da estranheza do mundo. Esse olhar é um instrumento cartográfico. O grande desafio é fazer da escrita uma clínica,

explorando o ambiente de forma tensa, tocando seus pontos de cristalização e também seus paradoxos.

Interessante observar que a pesquisa em si é como uma travessia, constituindo ela mesma um momento de grande desterritorialização, sendo que o que se busca com ela é a construção de um território existencial em si mesmo, um território que guarde possibilidades singulares de invenção de mundos e de “povo que falta”, pois, segundo Deleuze, nessa invenção estaria “a saúde como literatura, como escrita”. O devir-escritora se dá na disponibilidade de entrar em contato com o mundo de forma sensorial, convocando o corpo, ou sua memória, como ambiente intensivo de recepção e processamento dos afetos.

*olho muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não seja corpo
e sentir separado dentre os dentes
um filete de sangue
nas gengivas*

(Poema de Ana Cristina Cesar, no livro
A teus pés)

Para isso a pele deve se manter permeável aos fluxos. Ou seja, quem escreve deve ser capaz de evitar as atitudes excessivamente defensivas para acessar o campo dos afetos. O corpo se converte, assim, em instrumento de atenção e escuta plenas do ambiente. Dessa forma, essa dissertação aposta na força de algo considerado frágil pelo código de valoração vigente – e se considerarmos pragmaticamente, de fato frágil no contato com o mundo, como ele funciona.

“A escrita como pele” a que se refere essa dissertação remete a uma escrita que tem como ponto de partida uma condição de fato frágil, mas ao fazer dela um dispositivo de criação, torna-a forte.

A esta altura, lembramos que se trata de uma “escrita clínica”, um experimento sem garantia alguma de ser bem sucedido como literatura. A ideia aqui é pensar como esse experimento pode acontecer, e não afirmá-lo como o único caminho válido, ou algo semelhante.

Pensando em termos maquínicos, o texto convoca a produção de uma “máquina border de escrita” –, considerando “border” no viés comentado anteriormente, na apropriação feita por Wally Salomão em *Pan-Cinema Permanente*, quando usou a palavra para falar do poeta enquanto ser híbrido, mestiço, fronteiro, que gosta de habitar o muitas vezes tempestuoso, confuso, denso espaço das bordas, das zonas de fronteira, sejam fronteiras físicas, sejam as fronteiras do pensamento.

A proposta, então, foi ativar essa máquina para produzir um texto capaz, inclusive, de tratar dos perigos desse lugar, onde as microafecções que muitas vezes são imperceptíveis para os neuróticos podem desestabilizar aqueles que habitam outras coordenadas do psiquismo. O “border”, aqui, seria aquele que fica por um fio, sustentando a porosidade, e também as angústias que podem decorrer desse lugar, fazendo tudo confluir para um lugar de expressão. O “border” seria uma das possibilidades “esquizo” de Deleuze e Guattari. O sujeito border nessa concepção “esquizo” lida com essas suas dimensões como uma espécie de Exu, aquela entidade que faz o trânsito entre mundos.

*porque sou sênsaro
só tenho poros
e tudo me trespassa
eu pelica
eu de treliça*

*só tenho poros
sou todo furado
tudo me trespassa
eu pelica
eu de treliça*

(*O homem vazado*, poema
de Álvaro Andrade Garcia)

Colocando-se a pulsação da pesquisa nesses termos – de considerar como “força” algo que a subjetividade dominante considera como “fraqueza” –, podemos relacioná-la à esquizoanálise e suas proposições de valorizar as potências

“esquizo”: tudo aquilo visto como fora do lugar, fora de foco, inútil, híbrido, contraditório, paradoxal por lidar com informações em excesso, por considerar tudo que se manifesta na realidade do mundo.

A ideia, então, é fazer da escrita um dispositivo capaz de ancorar a experiência de se frequentar as margens do mundo e de si mesmo. A ideia é que blindagens possam ser furadas e fragmentações possam ser cuidadas ao se olhar para essa zona de encontros intensivos que é a própria pele. Para sustentar-se nesse lugar é preciso não fechar por completo os fluxos externos, dando-lhes passagem de forma a amortecer seus impactos, evitando a desconstrução total. Exercendo-se, portanto, a mencionada “prudência” referida por Deleuze e Guattari no texto sobre a construção do “corpo sem órgãos”.

Talvez esse texto soe por demais assertivo quanto ao que a própria pesquisadora projeta sobre sua escrita. No entanto, trata-se, conforme já colocado, de um experimento. O que se diz aqui neste capítulo sobre uma “escrita clínica” não diz respeito ao resultado, e sim ao processo vivido na tentativa de fazê-lo.



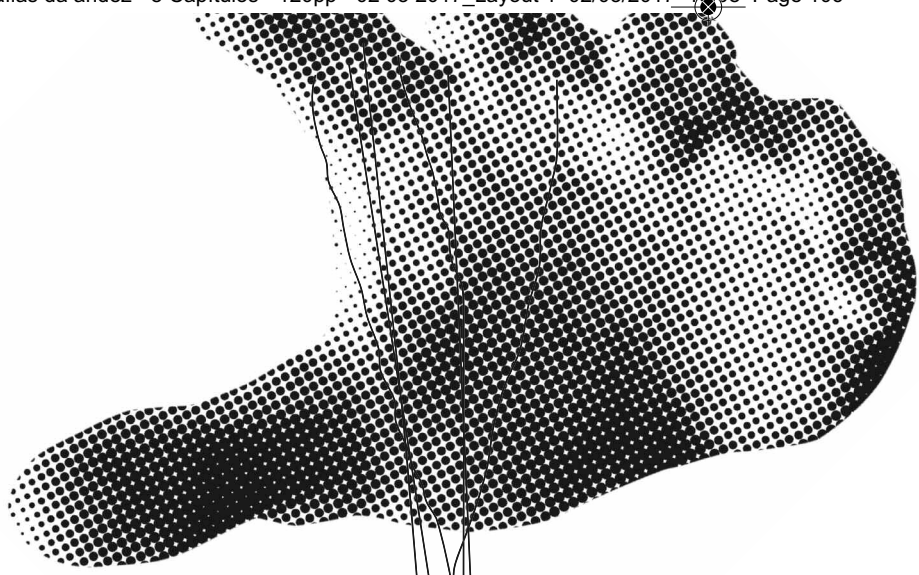


mínimo
contexto

OUVINDO

O TEMPO

PRESENTE



7. mínimo contexto

Ouvindo o tempo presente

Interessante observar que a escrita desta dissertação coincidiu com o acirramento da crise brasileira do segundo governo Dilma Rousseff, quando passamos a ver com maior clareza o nosso espectro de subjetividades políticas. Se, a princípio, isso trouxe grande ansiedade e uma sensação de inutilidade do trabalho, pelo seu caráter por demais micropolítico, por outro me levou a um esforço de conexão desta produção com o contexto no qual ela se insere. Por conseguinte, trouxe-me também a percepção de que era preciso esclarecer um “lugar de fala”.

Voltamos, então, à questão do “lugar de fala” apresentada no primeiro capítulo. Questão que, inclusive, permeou inúmeros debates na rede social durante todo o ano. Pois essa questão se tornou urgente para a cartógrafa, que se viu sem lugar de fala definido não só no Núcleo de Estudos da Subjetividade, mas também no percurso profissional como um todo, por conta de uma constante insatisfação que impulsionou o traçado de linhas de fuga ao longo dos anos. O momento do mestrado era mais uma dessas fases desterritorizantes, o que tornou ainda mais crítica a questão.

Se, durante boa parte do meu percurso profissional, coloquei-me no lugar de alguém que ouve e busca afirmar a palavra do outro, agora não havia mais necessidade deste trabalho. Afinal, as pessoas estão assumindo suas falas diretamente, o que é ótimo. Senti-me como que “liberada” de um grande compromisso. Por outro lado, surgiu a pergunta: o que a cartógrafa poderia acrescentar a um cenário em que a disputa pela palavra ocorre a cada minuto?

Não conseguia me sentir representada por categorias macro, e inclusive já carregava uma espécie de cansaço por brigar com elas boa parte da vida, mas

a questão se impõe com uma força tremenda atualmente. Sobre isso vale registrar, considerando-se o que foi apresentado anteriormente, que se o reconhecimento dessas categorias sempre vem acompanhado de desejo de mudança, por outro lado parece que essa análise de cunho estruturalista nos prende para sempre num catálogo de classes, raças, gêneros.

Estava olhando para este cenário e começando a ter uma estranha sensação de liberdade, uma vez que me sentia dispensada de tentar contribuir como jornalista – até porque a profissão atravessa uma crise que se sobrepõe a todas as outras –, editora, ou o que quer que eu pudesse fazer para contribuir com as inúmeras lutas sociais, quando encontrei um texto que dialoga com a questão. Com esse texto, acredito que conseguirei unir as pontas desta dissertação, passando também pelos experimentos de escrita clínica aqui apresentados. Trata-se do artigo chamado “Meus pais, meu país”, estreia do filósofo Cláudio Oliveira como colunista da revista *Cult*.

Como ele estava começando a relação com o público da revista, decidiu se apresentar. “Mas, ao tentar fazê-lo, acabei misturando minha história com a história recente do Brasil”, ele diz. E segue por essa trilha, contando que havia nascido em 1968 na Baixada Fluminense, numa família que, como tantas, viveu mais ou menos alheia aos acontecimentos relativos ao golpe militar e aos porões da ditadura. “Eu não sabia exatamente o que era a ditadura militar nessa idade (aos 10 anos), mas sentia seu cheiro no ar. Era uma atmosfera pesada, carregada de medo, que sentíamos claramente, mesmo que não a compreendêssemos, como era o meu caso”, relembra.

Oliveira prossegue fazendo uma comparação entre os dois momentos – o do golpe militar de 1964 e o do golpe institucional de 2016 –, e relembra algo dito por Caetano Veloso a respeito de 64 que também faz sentido nos dias de hoje. Algo relacionado à sua vida de brasileiro nascido no seio de uma família conservadora: “Quando Caetano Veloso fez 50 anos, ao se pronunciar sobre o período da ditadura militar em uma série de TV sobre a data, ele afirmou que, por mais absurdo que achasse o que estava acontecendo no Brasil naquele momento, era claro para ele que aquilo era algo que vinha das profundezas do Brasil. Essa fala de Caetano sempre calou fundo em mim. A ditadura militar vinha de um Brasil profundo que jamais era atingido pelas tentativas, sempre superficiais se comparadas com essas profundezas, de modificação da nossa sociedade.”

A certa altura do seu texto, Oliveira ressalta a falta de narrativas literárias ou cinematográficas sob o ponto de vista dessa maioria silenciosa, e sinaliza que talvez a existência dessas vozes pudesse fazer alguma diferença, vindo a contribuir para a compreensão do país. Poucos meses antes, lendo o livro do chileno Alejandro Zambra, *Formas de voltar para casa*, deparo-me com uma narrativa justamente sob este ponto de vista. O autor, nascido em 1975, coloca o personagem principal sempre como alguém secundário em relação à história da geração de seus pais no contexto do país:

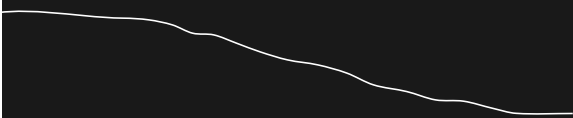
O romance era o romance dos pais, pensei então, penso agora. Crescemos acreditando nisso, que o romance era dos pais. Maldizendo-nos e também nos refugiando, aliviados, nessa penumbra. Enquanto os adultos matavam ou eram mortos, nós fazíamos desenhos num canto. Enquanto o país se fazia em pedaços, nós aprendíamos a falar, a andar, a dobrar os guardanapos em forma de barcos, de aviões. Enquanto o romance acontecia, nós brincávamos de esconder, de desaparecer. (pág. 34)

Com essas duas vozes – do filósofo brasileiro Cláudio Oliveira e do escritor chileno Alejandro Zambra, ambos tocando na questão de um lugar de fala silencioso/silenciado em países latinoamericanos vivendo sob governos de exceção, e que tipo de atmosfera isso produziu –, espero conseguir alinhar, mesmo que ainda como uma colcha de retalhos repleta de furos, esta cartografia. E para concluir, seguimos com um poem manifesto.



POEMANIFESTO DOS AFETOS

pela manifestança
da vida em todas
as suas minifestações



imediatas sossego imediato, para longe lancemos para bem longe o medo o mesmo medo que faz de um grupo de pessoas seja lá qual for seu laço um enlace para a guerra uma aliança isolada incapaz de qualquer construção coletiva porque narcísica.

pela coragem do encontro com o outro qualquer que seja esse outro contanto que potencialize a vida a vida a vida a vida a vida.

aqui seguimos livres de culpa: livres da ancestral culpa que nos imputam os fundamentalismos de direitas de esquerdas de certezas enrijecidas sigamos livres de suas máquinas de endurecimento a invadir nosso centro a entulhar de compromissos nosso desejo. sigamos resistindo às invasões sigamos livres das prisões do pensamento sigamos atentos. aqui esvaziamos de poder fascismos usurpadores de energia vital fomento de miséria material e simbólica. aqui gargalhamos de todo e qualquer dogma aqui celebramos a alegria a festa o fluxo da vida.

pela liberdade de escolher e fazer da forma mais atrapalhada contanto que cedendo a um impulso de vida de vida de vida de vida de vida.

se ainda há ira brademos contra a razão hipertrofiada do patriarcado que há séculos ignora subestima submete toda diferença todo desencaixe tudo o que não cabe em sua planilha de orçamento a um pensamento de cimento armado. raza razão logocêntrica a promover a disputa por cada palmo de qualquer que seja o espaço a expedir certificados para o inaceitável a intimidar a fala que não nasce de seus formatos fechados. contra ingenuamente contra como uma criança como um palhaço como um louco e seu cão se manifestariam contra contra o jogo de retóricas vazias e cheias de promessas facilmente desmontáveis por crianças palhaços loucos e cães movimentando apenas olhos e caudas.

pela palavra que surge inteira de nossos corpos fazendo vibrar nossos pensamentos preenchendo-os de vida de vida de vida de vida de vida.

se há desejo de vingança maquinemos nosso olhar frio opaco irreduzível olhar-bomba e o lancemos com frieza de estrategista sobre o aparato político econômico midiático que sustenta a farsa do capital e continua seu trabalho de lobotomia: terroristas travestidos de estadistas e vorazes capitalistas na pele de homens de carne e sangue. sendo inócua nossa indignação contra a ganância e o capital desprezo pela vida gritemos contra a burrice a suprema burrice dos homens que fazem as guerras e pensam em sair ilesos em seus helicópteros.

pela lucidez de enxergar onde é gestada a morte e manter vivo em nossas mentes em nossos corações o desejo de fortalecer a vida a vida a vida a vida a vida.

brindemos à saúde plena saúde livre de medos e culpas
saúde que traz em si a alegria e a amizade e o espanto
e a capacidade de se indignar perante o que parece inevitável
o que diz a lei o que dita o dito o que determina o
destino de uma civilização enferma. brindemos à saúde
das relações. que os corpos coletivos não sucumbam
perante disputas egoísmos pequenas mesquinhas que
se instalam em seus entres. que saibamos seguir adiante e
fazer a louvação quando a tristeza pesar no ventre. fazer a
louvação do que deve ser louvado.

pela poesia que se instala no cotidiano e inaugura novos
espaços de existência e irriga o pensamento e não deixa
que ele se enrijeça e intensifica a vivência do tempo e
lembra ao homem seus valores mais vitais. pela poesia
capaz de realizar a mais alta potência da arte: a reinvenção
da vida.

pela poesia utopia ativa no presente
pela revolução imanente



**BIB
LIO
GRA
FIA**



8. bibliografia

LIVROS

ARMONY, Nahman. *Borderline – uma outra normalidade*. Rio de Janeiro: Revinter Editora, 1998.

ARTAUD, Antonin. *Os sentimentos atrasam*. Tradução e introdução de Ernesto Sampaio. Lisboa: Hiena Editora, 1993.

BAREMBLITT, Gregorio. *Introdução à Esquizoanálise*. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2003.

CESAR, Ana Cristina. *A teus pés*. São Paulo: Ática, 1998.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel – Escritores jornalistas no Brasil (1904 – 2004)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1ª. Edição (1992). 2ª. Edição (2010). São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1ª. Edição (1997), 3ª. Reimpressão (2008). São Paulo: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs Vol. 3*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 1ª. edição (1996), 2ª. reimpressão (2004). São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1ª. edição (1992), 1ª. reimpressão (2000). São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. *Kafka – Por uma literatura menor*. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

ESPINOSA, Baruch. *Ética demonstrada à maneira dos geômetras*. Tradução de Roberto Brandão. Disponível online.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. “O que é um autor?” In: *Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Obras Completas, Ed. Standard Brasileira, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GARCIA, Álvaro Andrade. *Álvaro*. Belo Horizonte: Edição do autor, 2002.

GLEIZER, Marcos André. *Espinosa & a afetividade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GUATTARI, Félix. *Caosmose – Um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 1ª. Edição (1992). São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. *Máquina Kafka*. Tradução e prefácio de Peter Pál Pelbart. São Paulo: N – 1 Edições, 2011.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica – Cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 1998.

_____. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 1999.

_____. *De escrita e de vida*. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 2010.

MITCHELL, Joseph. *O segredo de Joe Gould*. Tradução de Hildegard Feist. Posfácio de João Moreira Salles. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Coleção Jornalismo Literário.

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PELBART, Peter Pál. *Vida Capital – Ensaios de biopolítica*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.

PESSANHA, Juliano G. *Sabedoria do nunca*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

_____. *Ignorância do sempre*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. *Certeza do Agora*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

POLITO, Ronald. *De passagem*. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

PRECIOSA, Rosane. Rumores discretos da subjetividade – sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental – transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2016.

_____. *A hora da micropolítica*. São Paulo: N-1, 2016. Coleção Pandemia.

SALOMÃO, Wally. *Algaravias*. Rio de Janeiro: Rocco Ed., 2007.

_____. *Armarinho de miudezas*. Rio de Janeiro: Rocco Ed., 2005.

_____. *Tarifa de embarque*. Rio de Janeiro: Rocco Ed., 2000.

SANT'ANNA, Denise B. *Corpos de passagem – Ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANT'ANNA, André. *Sexo*. Rio de Janeiro: Ficções, 1999.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

ZAMBRA, Alejandro. *Formas de voltar para casa*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: CosacNaify, 2014.

CADERNOS DE SUBJETIVIDADE

Edição 2010

Félix Guattari: “As pulsões”

Suely Rolnik: “Políticas da hibridação”

Rosane Preciosa: “Escrever/Balbuciar”

Regina Favre: “Trabalhando pela biodiversidade subjetiva”

João Perci Schiavon: “Pragmatismo pulsional”

Edição 2013

Olivier Apprill e Peter Pál Pelbart: “Deriva (entrevista)”

Edição 2015: Gilles Deleuze

ARTIGOS

ARTAUD, Antonin. *Escritos de um louco*. Introdução do Coletivo Sabotagem.

<https://pt.scribd.com/doc/2230619/escritos-de-um-louco-artaud>

FOUCAULT, Michel. *Da amizade como modo de vida*.

file:///C:/Users/Lucia/Dropbox/Luciana_18.09.2015/Estudos/PUCSP/Michel%20Foucault/amizade.pdf

ROLNIK, Suely. Artigos diversos.

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>. 1993 – 2006.

_____. *A descolonização do pensamento na obra de Grada Kilomba*.

<http://brasileiros.com.br/2016/09/o-conhecimento-e-colonizacao/>

ROMAGNOLLI, Roberta C. *A cartografia e a relação pesquisa e vida*. Revista Psicologia & Sociedade; 21 (2): 166-173, 2009.

CURSOS LIVRES

Amauri Ferreira

Juliano Garcia Pessanha

Peter Pál Pelbart

